

1001/1011/1011/1011

Diana de Valencis

Comedia em 5 actos

por

Carlos de Courcy

(Tradução de Ernesto Baster)

Personagens

Fernando de Mat.

Alberto de Bléguis

Conde de Valencis

George Aubrey

Baptista, criado do Conde de Valencis

Ricardo, estudante no hospital de Beneficencia

Claudio, idem

Miguel, idem

Grandet, idem

Philippe, idem

Mercier, idem

Osbair de Ferte

Francisco, enfermeiro

Doutor Michelin

Uma testemunha

~~Branca~~ Diana de Valencis

Gabriella de Bléguis

Luiza Severin

Primo Alphonse

Marcellina

Enfermeiros, enfermeiras, alcaides e alcaides

O primeiro acto no Hospital da Beneficencia em Paris; - os outros na Ferte, em casa do Conde de Valencis.

Para se representar no Theatro de
Rua dos Condes
Gustavo Sabino Ferreira

Coste representada em 1.º de Março de 1867
dos the. 2 de março de 1867

Albuquerque

Jan. 23/67

Acto 1^o

A sala de serviço dos internos no hospital da Beneficência; forma oblonga, paredes caiadas; aqui e ali desenhos a carvão e nomes escriptos &c. - No meio centro uma meza de pinho es-
tuita com um panno encerado imitando carvalho; uma dúzia
de cadeiras de palha, desarrumadas; um armario velho de pinho
encostado a janella com um fascio de tabacos; alguns casimbos, poma-
fas; um cunã da meza cartas de jogar; um pequeno fogão de ^{coza} porta
lateraes no primeiro plano; janella no vão á esquerda.

Scena I

Felippe, Ricardo, depois o enfermeiro Francisco.

(Felippe lê sentado á esquerda.)

Ricardo (depois de haver rasgado as tiras dos jo-
meas que estão em cima da meza)

A Gazetta dos Hospitales! - O boletim de therapeutica! - A U-
niao medica! - A lista completa dos organos da sciencia. - Tudo
para os medicos - e pelos medicos! (São oito horas - Enfermeiro
entra com papeis e folhas para assignar.)

Fran.^{co} (vem da direita)

Bons dias, Sr. Ricardo.

Ricardo.

Bons dias, Sr. Francisco. Trag-me as folhas?

Fran.^{co}

Trago, sr. senhor. (enfermeiros e enfermeiras entram p.^a esquerda)

Um enfermeiro.

As suas ordens.

Enfermeira.

Enfermeira J. Joao. (depois de haverm recebido as folhas, saem p.^a
esquerda.)

Fran.^{co}

Foi hauteu a sua noite de serviço; que tal dormiu, Sr. Ricardo?

3

Ricardo.

E dormirás de vez em quando, — nos extractos. Olha, eu, esta noite, levantei-me apenas quatro vezes — só quatro vezes.

Sena III

Ricardo, Moignel, Claudio, depois Mucier, Felipe,

Grandet, (entrando pelo fundo)

Claudio (bravando o patetot)

O director ainda não chegou?

Ricardo.

Bem sabes que minha cheja antes de ti. Não era delicado da minha parte. (Entra Mucier que vai sentar-se ao fundo à esquerda, e come)

Moignel (à mesa, escrevendo)

Ah! os extractos! ~~os extractos~~ é que são felizes!

Claudio.

Moignel não gosta de ouvir conversar; — transforma-lhe o que escreve!

Ricardo (indicando Mucier que come)

Então, Mucier? — Um silencio eloquente!

Mucier (com a bocca cheia)

Não me apraz a occisidade.

Grandet (entrando pelo fundo)

Ah! que lindo tempo! Um delirio! é magnifico! Viva Paris quando chove! Ah! Parisenses, têm arrojado o vestido de um modo que enthusiasma e entranquece! Nas mulheres dos outros paizes, admirarao bracos formozos, cabellos admiraveis, olhos fascinadores, cinturas de verpa, que sei eu? — Só as Parisenses tem pernas! É que pernas! E como são! Não se dá a volta ao mundo atraz d'ellas!

Ricardo.

Força estourado! Contas então passar a vida encamorado de todas as mulheres?

Grandet.

Ah! é necessario. Tenho tão pouco tempo de meu. Amar uma só é a pena para aquelles que nada tem que fazer. Não é ah! Felipe?

Ricardo.

Julgas que te cure? - O emprego do seu dia é' tracado com anteceden-
dencia: chega, abre o seu livro, e lê até a' hora da visita. Depois,
apriu que o director se vai embora, adormece naquella cadeira e por
nada se mexemoda - Apriu é' que é' uma leitura pesada!

Grandet (com forcea tirando o livro das mãos
de Felipe. Apropria-se delle)

Não é' apriu, Felipe? Responde. - (tira-lhe o livro e passa-o
para Miguel e este p.^a Claudio)

Felipe (como quem acorda)

Heim? - O que? - Deixa-me ver que foi feito de Maulecard
aguerre o barão atirou ao tanque e.... (anda áinda de Grandet p.^a
apanhar o volume)

Claudio (entregando-lhe o livro)

Vai entao pescal-o!

Grandet.

Ah! muito vi eu Gonther no boque de Bolonha? Conhecim. Minha?
Sabem que tem actuatim um poney-chaise... com qualque banqueiro.

Claudio (vindo ao pe de Grandet, á esquerda)

Talvez tenha tambem o banqueiro.

Grandet.

Nor m. fe', que a achei graciosissima! Como ella governava bem
a paulha! Malorra que governa tao bem os cavallos como os homens!

Ricardo.

Saija! tem entao feito progressos!

Claudio (vem ao centro, p.^a traz da mesa)

A proposito de antigos conhecimentos, adivinha tu, Miguel, quem eu
encontrei Gonther? - Maquet, ha de lembrar-te de Maquet, o neto com
discipulo de Luiz-o-Grande, premiado sempre com a medalha de
Honra. - Tem quatro fillos!

Miguel (encostado á mesa)

Quatro fillos?... Sp. porem, não é' uma profissao!

Claudio

Talvez não acredites... um rapaz tao instruido... pois seg-se pinto,

meu amigo ... Estado! 'E está magro!... Fraz a pelle em cima
dos ossos!... Vive remediado=

Ricardo.

Na carreira das artes só se alcança - de garço - aos trinta annos - e
ainda aplainar. - (Vai buscar o café ao fogão)

Fran.^{co} (entrando p.^a direita)

Sen. Miguel, uma entrada urgente na enfermaria de Sancta Gene-
reva; é de pressa.

Miguel.

Basta! Vou já! (vai á direita - Prepararam o café e as chavinas
circulam)

Ricardo.

Mercier, aqui tens uma chavena? (mostrando-lhe) Lá' puz não gostas de
estar ocioso! (bate-lhe no hombro)

Mercier (levanta-se e vem a mesa)

Mh.! continuas a estar creandalisado comigo por eu não haver escolhido
a cegonha do teu director. Paciência. O meu homem, é o doutor Fernan-
do Le Noël.

Elaudio.

Fernando Le Noël - Esse homem é a admiração de nós todos. Quando
um medico é encarrigado, aos trinta e cinco annos, de um serviço como
este, os louvores e os ataques, são uma tolice: - a sua idade diz tudo.

Mercier.

E que corações o seu! Lembra-te o que elle fez a semana passada, Clau-
dio? - viu na consulta, a um oanto, sorriso, um operario magro e
pallido que si' alhar p.^a elle fazia do. - Entre qualque paparia adiante,
o meu director, Sporen, chamou-o antes de todos: - "Cure, tu vais
metter-te no caminho de ferro e ^{recuperar} ~~retornar~~ para tua casa. O teu mal não
saudades da tua terra, e da a tua terra Mortas as saudades, estás cu-
rado." - E vi-lhe metter tres lizes na mão do operario - Não mha-
ta a alma de um homem esta accão? - E aquelle outro! Que má' cara
que tinha! - "Tu fuzis-te doente para não trabalhar, com-
co-te. É o virilho de Bagnol que te faz cá voltar, beberrão malthentado.
Vá lá' ainda p.^a hoje, mas se me tornas a apparecer, mando-te

para a elegância do prefeito de polícia, ouvis ? - Não attesta semelhante
procedimento a rectidão de um homem ? Também, hontem, depois
da visita, como desciamos juntos, intermizuei-o sobre o proposito do
meu futuro. - ~~Exa não seia. exa não seia~~ Perder tempo é que eu não
quero. - Já que me fazes essa pergunta, vou responder com fran-
queza. Tens de me ouvir e podes ser um ^{intelligente} excellent^e ~~excellent~~ pro-
prietario, mas quanto á medicina aconselho-te que renuncies á
cultural-a; não te convem. ~~Para a lanceta na mão nunca at-~~
~~comparas~~ Larga pois a lanceta, p^o me nunca sabrás usar della.

Grandet (imitando-o e batendo - the no

Lambro)

Não se revelam nisto um homem de consciencia ? (aproxima-
se do)

Alvares.

Não, não, que eu, p^o o mez que vem, volto para a m. terra;
vou ali gozar tranquilamente e com os braços cruzados, as m.^{as} vendas.
Perder tempo é que eu não quero.

Felippe.

Oh! que miseráveis! que miseráveis! - Enforcaram o bauldard!
(vai para sair á direita)

Grandet.

Aonde vais ?

Nicardo.

Ainda o perguntas ? - Vai cortar a corda.

Grandet (detendo Felipe)

Se' franco, Felipe: vais buscar um livro novo ? Ah! meu
amigo, p^o esse caminho levas á desesperação a vida da tua fa-
mília.

Felippe (desembalsando-se delle)

Ora adeus. - Se eu sou orphão !

Grandet.

Uma vez que te souberste aconsellar... (Felippe vai á direita
Ouvi-se tocar uma campainha)

- Eil-o! ahi vane o direction!

Gena IV

Os mesmos, Fernando, Abigail.

Fernando (vindo do fundo, a Miguel)
Continue, meu amigo, que eu ^{ouço o seu sup. dig.} ~~deigo~~ ^{ouço}. Bons dias, Ricardo, bons
dias, meus senhores. (Todos cumprimentam - a Miguel.) Continue.

Abigail

A noite foi má: entraram tres doentes perigosos. O nº 2 da enfermaria de S. João, succumbio.

Fernando

*La esperava. Sen entrada munto tarde en Hospital. Quem estava de
servico.²*

Reardo.

Estava eu, e entreguei as receitas ao mestre do serviço que me prescrevera
ao meu collega.

Signal.

Havia uma indicação especial P.^a e N.^o 21 da enfermaria de Soneta Genova; a sua angina augmentou de intensidade. Os symptomas as atarraxes reappareceram. Tambem fui chamado a ^{ma} enfermaria P.^a ver uma pobre mulher cujo estado da pouca esperanca; a hyper-trophica do coração chegou ao seu ultimo periodo.

Fernando.

Principiaremos a enfermoria de Santa Genoveva. - Concluido?

Original (depois de haver consultado as
suas notas)

O N.º 12 da enfermaria de S. Pedro, que entrava ha tres dias em convalescença, e que tinha observado até então a mais severa dieta, morreu de repente. Tinha, p.^o enfermeiro que, no domingo, o pai do doente, conseguiu dar-lhe as escudidas, apesar da vigilancia, bollos e vinho.

Fernando.

Mais um: Os parentes são quasi sempre os allegos. Vão lá com =

vençê-los que uma migalha de pão pôde suffocar e doente e que uma
gota de agua pôde matá-lo? Cumpria não os admittir nas enfer-
marias, durante o tratamento, fosse qual fosse o pretexto. 'É a for-
tuna. 'Em quanto o operário trabalha, não se entra na officina!..
- A dieta, que valor tem a dieta aos seus olhos? Nenhum, absoluta-
mente nenhum. 'Mas é toda a medicina. 'Alguns senhores, vemos
depressa curar os doentes, em quanto dura a ausencia das suas familias.
(Fernando, Miguel e Elencio, saem pela direita)

Acto V

Ricardo, Elandio, Grandet, depois a Herman Albalha,
depois Felipe.

Elandio (que tomou a pegar no seu jornal)
Que tal! 'Um rei que faz annuncios. - Ora uma idéa que teve para.
Se eu fosse com o meu estylo para a Avancania. 'Pá, não ha ainda
medicos, diga?

Ricardo.

Bem sabes que, no principio, não é conveniente apistar ninguém.

Grandet (que estava a ler)

Ah! pobre rapaz!

Elandio.

Onde está elle?

Grandet.

Na Patria. 'Um rapaz de vinte annos que se asphixiou por amor.
Ao menos prova que tinha corações!

Ricardo.

Quem não tem o coração aos vinte annos? - Abais tarde, d'accordo,
e que se faça. (levanta-se e leva as chaves para a esquerda)

Elandio.

Ph! nem uma palavra sobre mulheres: é um assunto que arriscia
a gente de fôr.

Grandet.

Do que havemos então fallar?

Ricardo (farpando as costas)

E' verdade que padeceram muito, Sr. Ricardo. (tope)

Ricardo.

A isso limita as suas queixas? ~~Está~~ ^{Em} ~~uma~~ ^{uma} ~~banda~~ ^{banda} de nós chega a tanto.

Sorman.

E' p' que precisa menos de indulgencia. (tope) Regularmente pro-
hibe-nos a entrada no gabinete de serviço, e eu entro aqui de
vez em quando.

Ricardo.

~~Em~~ ^{em} a virtude entra ~~por~~ ^{em} toda a parte e em toda a parte é
respeitada. Está em sua casa, m. mãe.

Sorman.

Pois deveras não se garga com as m.^{as} exigencias? (tope)

Ricardo.

A que me garga é' v'el-a sacrificar, p' exaustiva dedicação, a sua saú-
de aos seus doentes. Por causa d'elles não para um instante em
tudo o dia. Deixa de sentir frio quando os vê quentes; ~~afirma que~~
~~ella adormece~~ ^{já} ~~afirma~~ ^{quando} ~~ella dormem~~ ^{já} ~~socega~~ ^{os} ~~já~~ ^a ~~sempre~~
ra não precisa dormir, (abre a janella) Tome sentido. Mhe que só
a alma é' de ferro. - Aporto que tem alguma coisa a pedir-nos?

Sorman (depois de uma leve hesitação)

Sercentio que ganhou, Sr. Ricardo. Oh! quasi nada. E' para a
organisação da enfermaria de Santa Elvira; ella ajuda-me nas
n.^{as} ventas e se soube as promessas que me fez p. futuro. - Não
poderíamos acrescentar um bocado de fiança á sua comota? que
diz, Sr. Ricardo? (levanta-se) Uma ago que fôr para a annuar?

Ricardo (affasta-se um pouco para a
esquerda)

Tambem eu digia comigo: Foi uma conversação rapida. - Uma
mulher Eu não tinha confiança n'uma mulher que se arrepende
tão depressa. Affmetta - ^{homavel} ^{ta} a uma mulher que tem
fome.

Sorman (com um sorriso cinto)

~~Eu não~~ ^{Eu não} ~~tenho~~ ^{tenho} ~~confiança~~ ^{confiança} ~~n'uma~~ ^{n'uma} ~~mulher~~ ^{mulher} ~~que~~ ^{que} ~~se~~ ^{se} ~~arrepende~~ ^{arrepende}
tão depressa.

Conheço-lhes os corações. - ~~Vim muito~~ tempo entre gente nunca ^{que não} senta ainda em cima alguma moçoidade. ~~Quando~~ ^{Ha um instante} ~~foram~~ estavam ambos fumando; mas logo que eu entrei, deixaram de fumar. A janella estava fechada; ^{parem} ~~mas~~ ^{que eu entrei} foi abri-la. Vi tudo. Logo, por mais que facam, nunca tomarei a serio os seus gracejos. (atutos) Se fôsem realm^{te} o que tentam parecer, ter-se-hiam lembrado de afastar p.^a hoje tudo quanto podesse incommodar uma pobre mulher como eu? Por certo, que não. Sua mãe, Sr. Ricardo, si tem um filho; eu, tenho mil. - e tenho a certeza que um de meus filhos me não recusará uma agoa de frangi p.^a a m. convalescente. (Leva-o á meza e dá-lhe a penna)

Ricardo.

Oh. m. mãe, eu sou tão fraco. - E a frangueza poderá considerar-se uma virtude?

Jonnan.

Quando a fraqueza se para bem dos outros, pôde. Oh. obrigada, obrigada, Sr. Ricardo.

Os interiores.

Triunphou, m. mãe, triumphou. - Como se julga feliz! (Sai pela esquerda. Felipe entra pela direita)

Claudio

Ah! Felipe! - E o baubecard?

Felipe (indicando um volume que traz de baixo do braço)

Está aqui. (depois de ter fechado a janella) ^{terro-emetico} centram-se de ~~de~~ ^{de} que nos hontem misturámos no mesmo vinho. Conseguiu optimo resultado! Apantamos furalm^{te}, quem despejava tão rapidam^{te} as roupas garafas!

Grandet.

Quem era?

Felipe.

Era o enfermeiro Francisco.

Os estuctantes

Aia opa!

Felippe

Acaba de fazer na m.^a presença, e graças ao ^{tartaro} emetico, plenas confissões.

Scena VII

Os mesmos. Fernando, (virado do direito) Moisés.

Moisés, depois Francisco.

Fernando (aos estudantes, que tem nas mãos os cadernos)

Meus senhores, a pobre doente que acabamos de ver na enfermaria de Santa Genoveva, Set. 14, não chegará infelizmente à morte. Recorram, Moisés, que tome a subir a côr-a. Mandas a applicar the revulsivos aos pés as extremidades, e como bebida prepare the um calvante.

Thiago (cansado)

Pobre imman Monka! Para aquella não the poderei conceder nada ... (ouve-se um toque de campainha) E' Priso. (Gai com Grandet e Claudio)

Fran.^{co} (pallido e acatunhado, entrando pelo fundo e vai ao Fernando)

Senhor Le Noel, está ali uma pessoa que deseja falar the.

Fernando.

A mim?... Ah! sim, bem sei. Ha de ser Alberto. (as enfurecido)
Recor-the que suba.

Fran.^{co} (affastando-se)

Ah! que calor! que calor que eu tenho!

Fernando (a Moisés)

Vá ver a nossa pobre doente, meu caro Moisés; interessa-me a mim pagar. Antes de sair desejo que me dê noticias della.

Moisés.

Sim, senhor. (entra a direita. Todos saem)

Scena VIII

Fernando e a Sr.^a Veron (virado do fundo, a direita)

Fernando.

Monka querida senhora Veron! a senhora aqui?... Ah! se eu pudepe suspeitar tal verita, não a ^{desejaria} deixaria subir! (aper

Quando - lhe a mão) Teria eu desido.

Senhor. Scirin

Tenho a pedir-lhe mil perdões, Sr. Le Noel. Sei que nos é prohibida a entrada do sanctuario, a nós outros profanos, mas precisava abreviarmos vel-o, e só o podia fazer transgredindo as ordens.

Fernando.

Não devo, ao menos, a sua visita ^{nemhum} a caso grave?

Senhor. Scirin

Não, Sr. Le Noel; é unicamente um caso de prepa. Alhe para mim: trago fado de viagem e venho preparada para emprehender a volta do mundo. (Sorrindo) Oh! veja; não passarei além de Etampes.

Fernando.

Volta então para lá hoje mesmo?

Senhor. Scirin.

Após Logo que saia d'aqui. A camuagem que me trouxe ha de conduzir-me ao caminho de ferro. Bem vi que não tinha tempo a perder para o encontrar. (Senta-se) Alhe marido, que seencia o anno passado e interinam. o lugar cargo de sub-prefeito em Etampes, recebeu esta manhã a sua nomeação definitiva e ordem para partir immediatam.

Fernando.

Sendo assim, chego a quasi a sentir a sua presença nesta occasia, por que é uma visita de despedida que vem fazer-me.

Senhora Scirin.

Espere. Luntam. com a officio ministerial recebermos esta carta de fôrge, mandada p' elle do Barre, uma hora antes do desembarque para a estuencia, e que contem um parographo relativo ao senhor Le Noel.

Fernando.

Vejamos estas luitas que me concederam a ventura de lhe apertar a mão antes da sua partida.

Senhor. Scirin (abrindo a carta)

Creio que é na segunda pagina. (Lendo) "Minha querida minha..." Ah! cá está! - Não escrevo hoje a Fernando; para o fazer

espero estar descançado das m.^{as} fadigas destes ultimos oito dias; entao, sera' uma longa palestra, como outrora, e com longas as nochas e confidencias. Procure vê-lo o mais breve possivel, e lembre-lhe, segundo a promessa que elle me fez, que e' no dia 10 deste mez que ha de entregar a Senhora Parocho o maco lacrado que eu lhe dei para ao partir. Desta vez, como sempre, ^{foi - que nelle} ~~contou~~ ^{foi - me} ~~contou~~ ^{completamente} ~~entusiasmante~~. Que se nao esqueca do dia 10. " (Depois de dobrar a carta) E' hoje, Sim Le Noel.

Fernando. (depois de se levantar e ter pro-
curado um carnet na alfama
de palatote)

Com certeza, não esperava ter neste momento a honra de a ver,
m. senhora. Pais bem, aqui está a lista das m.^{as} veritas de
hoje. (abrindo o carnet) Leia V.^{da} Ex.^{ta}. (indicando-lhe) É o primeiro
num.

Th. Sévriin (Pseudo)

1. Senhora Laroche, 12, rua do Bac. " (restitue Me.) Não careia desta prova para ter a certeza de que se não esquece das suas promessas.

Fernando. (Corriendo)

A. opiniões de Jorge são menos favoravel para mim. Elle deve todavia
saber que nós os medicos temos memoria - per officio. - Em que
disposições de espirito está elle? Não lhe enfraquecem o animo? Escreva
me, diga-me V. Ex. na qual occasião de embarcar? São as suas
ultimas ^{palavras} que recebeu.

Fr. Servini.

Não me falta senão nas suas esperanças de riqueza, não pensas senão no momento em que elle me poderia restituir essa riqueza de que me accusa de me haver privado por desvarios da mocidade. Queido forte! Tornou-me devesas rica, no dia em que, casando-me com o homem que eu amava, me fez para sempre feliz.

Fernando;

Não vim, mas quanto mais indulgente a v^ô, mais culpado se sente. Difficilm^{te} nos perdoamos quasi sempre as coisas que

facil^{te} nos perdiam.

Th^o. Severin.

Porque recusou elle viver commosco, Sim se hiel. ? Já não sentira
p' nós affeições ?

Fernando.

A vida que Jorge vivia é muito diversa da sua, e a união do
que ella foi, está ainda muito presente na ~~na~~ ^{del} memoria para que
ella ~~de~~ ^{simultaneamente e propriamente} podesse aceitar e nem m^{to} devia, no seu proprio interesse. Jorge!
meu querido companheiro da m^a. infancia e da m^a. mocidade! Não
posso recordar o meu passado sem te ver sempre ao pé de mim. Fo-
mos educados juntos, juntos sentamos os primeiros perarres e juntos
gozamos as primeiras alegrias da vida. No dia em que eu me installei
no meu quarto de estudante, entrava elle na escola Polytechnica; no
dia em que elle recebia o diploma de engenheiro, fazia eu a m^a. these
e era ~~esta~~ ^{triumphos} estava medico. Os nossos ~~caminhavamos~~ ^{caminhavamos} a par e parea
que nada nos poderia desunir, quando sobreviu uma grande desgraça
que a vestia de luto e enriqueceu Jorge. Desde esse dia, a nossa soci-
dade terminou, não p^o por a sua nova riqueza mudasse o caracter
de Jorge, mas devia mudar-lhe os habitos e arrebatá-lo p^o um
caminho, em que a m^a. pobreza apurava como os meus gostos me uni-
pediam de seguir-o. E foi ^{destino} ~~apareceu~~ ^{destino} que os dois inseparáveis, unidos
pelo corações, foram ^{apartados} ~~separados~~ ^{destino} pela ~~o~~ ^o.

Th^o. Severin.

Porque não attendem elle os seus conselhos, Sim se Noel. ! Porque
se não tornou como o senhor um homem util ?

Fernando.

Um homem util. ! Era o que eu podia aspirar a ser ! - Pobre amigo,
pobre linceo, que foi invadido p^o esse mal ^{que atecormenta as almas grandes} ~~das grandes almas~~ ^{e generosas} ~~mentadas~~, a prodigalidade. Aquelles a quem a vida se apresentou
doce e facil, sem luctas e sem esforços ^{a combater} ~~o~~, p^odem accusá-lo;
eu, lamento-o. As paçoas fortes, conservam sempre um lado
que seduz pela sua m^a. grandezza, e certos erros nobremente para-
meados valem talvez mais que muitas virtudes pequenas e egoistas:
a mão aberta, - é tambem a alma aberta.

Sen. Serrin.

Para inspirar tal amizade a um homem como o Sr. Le Moël, é mister possuir em si um valor real.

Fernando.

Duvidar todavia de Jorge é que não devemos, m.^o Sen. ! com que hevia resoluções ^{de} aceitar o seu exílio, sahindo de França ! Duvido Jorge ! - Havemos de vê-lo regressar uma bella manhã, d'agui a cinco ou seis annos, queimado de sol, porém respirando o ar livre e salutar que dá o sentimento do dever cumprido. Eu taboy de um papeiro até Etampes para ~~ao~~ admirar o rosto de V.^o Ex.^o ~~graxoso~~ ao abraçá-lo.

Sen. Serrin

Amanhã escreverei a Jorge e di-lhe - hei a affeição que manifestas por elle.

Fernando.

E diga-me, principalm.^{te} - pois elle mostra empenho neste ponto - que a sua commissão para a Sen. Laroche vai ser desempenhada. Já a tens cumprido, se elle mesmo me não tivesse fizado aquella docta do dia 10 que eu devia respectar. Elle queria, segundo me disse, achar-se já longe de França quando ^{castas} as encerradas no maco fossem entregues, ~~e~~ ^{evitando} ~~evitando~~ p.^o esta forma qualquer passo de parte da pessoa interessada. Eis tudo que sei d'esse grande mysterio, e declaro - th'o sem exigir segredo, p.^o que nem a mim o pediam.

Sen. Serrin. (Sorrindo.)

Sabe a minha morada, senhor Le Moël. - M.^{me} Serrin, em Etampes, - nada mais. Se eu receber noticias, logo o mandarei avisar. Adeus, Sen. Le Moël, e obrigada.

Fernando

Até á vista, m.^o senhora, - e ha de ser brevemente. (Reconhece a Sen. Serrin.)

Sen. Serrin.

Esperamos que havemos de ter a honra de o receber naquella casa, antes do regresso de Jorge. - Adeus, Sen. Le Moël, adeus.

Fernando acompanha-a até a porta do fundo e sai um instante com ella. Miguel entra p.^a direita, no momento em que Fernando reaparece.)

Scena VIII

Miguel, Fernando, (vindo da direita) depois
Alberto de Blégny.

Fernando.

Então, como está a doente?

Miguel.

Vai alguma coisa melhor.

Fernando.

A calmaria actua com extraordinaria rapidez; logo em seguida a doente doegou, e foi então que eu saí da enfermaria. A mim ^{doente} ficou velando p.^a ella á cabeceira, e mandei-me ha chamar se a crise viesse.

Fernando.

Sabe que uma hora ou duas de sono the sejam mais vantagens doas que os nossos remedios. - Trilha yna a bandada, de me examinar esta lista de visitas. ! Escrevi-a esta manhã á pressa. Aqui the entrego tambem estas cartas que me dirigiam para aqui. Haun de ser de novos doentes que the chamam; queira inserir-the os nomes em seguida.

Miguel.

D'agui a um quarto de hora eu the restituirei tudo. (Sai a' direita)

Alberto.

A terceira porta ao fundo? - Ah! cá está. - Alberto dirigido!

Fernando.

E' Alberto. - Natural - como sempre!

Scena IX

Fernando e Alberto.

Ora vem d'ahi, meu prezancoso! Foi apinh que me viste sur-
prehender ás nove horas da manhã? - Meas trazes a fi-
sionomia transtornada!

Alberto.

Venho da Igreja! (senta-se á esquerda)

Fernando.

Da igreja! - Morreu algum teu conhecido?

Alberto.

Morreu!

Fernando.

Pobre rapaz! - Era teu parente? Se fosse, terias em vido avisado.
- ~~Se fosse~~ ^{era} Perdestes algum amigo, ou foi ^{upera} algum conhecimento
da sociedade?

Alberto.

Foi um conhecimento da sociedade.

Fernando.

E talvez fosse uma rapariga formosa?

Alberto.

Tal qual.

Fernando.

E de que morreu?

Alberto.

Victima de um capitão de cavallaria! - Olha, apen tens
a participacao - em cartas darrado.

Fernando.

Percebi... Segunda vez, arao nie logoas tu!

Alberto.

Moem amigo, para um homem ^{formoso} resoluido a casar-se,
cada vez que vai apisttar ao casam. d'outro, irritam-se - Os
os nervos, fica desesperado. E' menos uma probabilidade pue tem
de amover nam-pon e Veru marido!

Fernando.

Appela para o chm de Foy!

Alberto.

Shirgado. Mas tenho riqueza sufficiente para isso.

Fernando.

A riqueza não dá a felicidade.

Alberto.

Mas faz o casamento.

Fernando.

Com os duzentos mil francos que eu sei por provas, com a intelligencia de que es dotado, se quizeres servir-te de teu braço, ahejante o rendimento annual de vinte mil francos? Seras entao um rico?

Alberto.

Ha poucos haos que valham tanto.

Fernando.

Has de volver ainda para o trabalho! Volver sempre, mais tarde ou mais cedo, a surprehender as intelligencias verdadeiras. Lembras-te de Jorge Aubry? Falli-te muitas vezes nelle; talvez ate o encontrases em m. casa? Senhor de uma consideravel riqueza, desperdiçou-a em loucos caprichos e luthantas fantasias. Foi os melhores cavallos de Paris e os amantes mais celebres, — celebres p.^a muda e p.^a luso. Todas as orgias suaves e esplendidas eram firmadas p.^a seu nome. Pois bem, e extravagante sahio de Paris! Isto pouco era — ou nada. O perdulario vai ganhar a vida, trabalhando. Descalçou as luvas e foi o seu baston. E' que nem sempre se pode beber vinho de champagne! Lá sem uma hora em que a sede nos convida a beber um copo de fresco e para agua.

Alberto.

E quem te diz que eu bito outra coisa? Agora chama-me, Vebado!

Fernando.

Porém tu não fazes nada?

Alberto.

E isto torna-me o tempo todo.

Fernando.

A quem és tu útil?

Alberto.

Em primeiro lugar, a mim, se dás licença! Não me respeito a
um emprego activo, como tento de me viver, para que queres tu
que eu tire o lugar de quem vive a outro? (descendo) Não me
dig respeito a uma posição honorífica, ao m^{to} tempo que escrevi
a minha, e val'ham outra qualquer, juro-te. — Sou apenas
agente do povo chama um vadio. — Não é
~~este~~ mundo com as mãos nas alforças, porém com as mãos nas alforças
e os amigos a' esenta. — Sou eu o primeiro que lê a livro novo-
m. publicado; o quadro acabado haute de pintar, fui eu o primei-
ro que o admirei. Antes do chef d'orchestra dar a primeira
ordem d'uma opera, já eu tento cantarolado os mais notáveis
trechos della. Tal drama vi-o em um ardidura, tal estatua em es-
tudo; por que eu tudo vejo. Ah, que, era um cego, comparado comigo.
E quando tento concluir a minha minha, vou a casa dos
homens que trabalham, dos operarios incansaveis da sciencia e das
finanças; que nem um minuto lhes resta para consagrar a noticias
que giram p'ahi e digo-lhes: "Bons dias, meu caro capitalista! como
vai de saude?" Já lê o livro de A...? Não li. — Pois deve lê,
que é excellente! — Serias? Vou então comprá-lo, quando for para
a bolsa. — Bons dias, doutor! Como vai de saude? Já vi o drama
de B....? Não vi. — Pois não a vá vê, que não presta. — Serias?
já não mando algum comante. — Bons dias, general! Como vai de
saude? Comprei o quadro de R....? Não comprei. — Pois deve
comprá-lo, que é uma maravilha! — Serias — esta mesma noite
ha de ficar-me em casa. "E agora me diges a sciencia do
teu amigo?" — E' opiniao minha que todos os produtores
deviam fundar uma sociedade composta de cincuenta membros,
p^{to} menos, homens de posto, encarregados, a troco de um rendim^{to}
anual, de reunir as produções e de espalhar o seu voto sobre
elles. Esta sociedade tomara p' titulo = Os ociosos: e trata-
mos não lhes havia de faltar!"

Fernando.

É uma boa ideia a tua; há somente a notar que os jornaes tiveram - a promissão. E que é um critico?

Alberto.

É um homem que faz tudo que diz respeito - a' profissões dos outros. (muito animado) Os jornaes? - Ah! ora uma vez me fallamos nisto, vou dizer-te o que penso de todos os jornaes e de todos os jornalistas de França; penso - (andando de torn) que se tu, ainda agora, me dirigiste censuras, tambem meces que eu te faça algumas? Quer, pois! Tu não tens defeitos nem parvozes, e o homem verdadeiramente homem é quello que os tem! E posto, que tu não jogas? e, com argonhos a digo, - nunca firmaste?

Fernando.

É verdade que nunca firmei! Contentou-se ali p' esse mundo d'as cendo ou seis vícios authorizados p.^a elegancia que eu sempre prescindi. - E digo tanto dito m.^{to} dizer a mim-mesmo: E necessario cultural-os! Mas, de repente, apresenta-se-me um negocio serio, um trabalho imprevisto, e a occasião fuge-me. Lá' agora, reservo-os para a velhice!

Alberto (tentado)

Mais outra coisa! - Tambem apostava que tu nunca amaste. Se esperas p.^a velhice para regatar o tempo perdido, desde já te previno que talvez seja tarde.

Fernando

Era demasiado pequeno o meu quarto de estudante, para lá' caber uma mulher. Os livros tomavam ali todo o espaço. O amor não entra, onde não entra o sol! Eu prescinda de trabalhar, e trabalhava m.^{to}. Só tinha ao pé de mim um bocadinho de pão e uma bilha d'agua! Era pobre, mas resolute. Deus reserva sempre a' pobreza as grandes resoluções. - Amas, eu! E que tempo me restou então para me preparar para os exames! Como recompensaria os sacrificios de meu pai! Ah! meu querido e honrado pai! Como elle esperava ~~o~~ sereno e resignado o momento da victoria; nunca me fallou nos seus prodigios de economia, porem eu sabia-o; e quando vinha perguntar-me com o seu

Vendo o sorriso: — "Então, meu filho, juntaste Bem, hije?" — Nunca
ousei responder-lhe: "E meu pai?" — As lágrimas poram, suffo-
caram-me a voz e enchiam-me o coração! — Era necessário conquista-
r os meus diplomas para lhe poder dizer: Vamos jantar juntos,
meu pai! (levanta-se)

Alberto (levantando-se, commovido)

Reconciliaste-me agora com os homens que tratavam.

Fernando.

Pois tu, há já' mto. tempo que me reconciliaste com os prejudicados!

Alberto.

O caro é que, com a palestra, ainda me não perguntaste o motivo
da m. senta? E olha que é serio!

Fernando.

Severas?

Alberto.

Sabes que m. prima — quem é que não tem ^{uma} m. prima? — m. prima,
depois da morte de seu pai, foi recolhida em casa de meu tioso-
do e com padrinho; o Sr. Conde de Valenceil, um velho general
que nos agarra a todos do fundo d'alma! Gabriella é ali tratada,
ou antes anunciada, como filha; foi educada em Paris pelos melhores
professores daquela cidade, e, ha um anno que habita, assim como
toda a familia ^{a mais bonita e modesta} que se pode imaginar nos arredores de Paris; a
distancia de duas horas p. caminho de ferro, na Ferte, finalmente,
uma vez que nada te quero esconder — Estas-me ouvindo, não
é assim?

Fernando.

Estou a ouvir-te, mas não te comprehendo.

Alberto.

Vais comprehender-me. Aquella familia tão unida, tão feliz, e
tão digna de ser — nunca phrase talha foi tão a proposito remu-
cada! — a familia de Valenceil, que se tornou m. p. affecção
que lhe dedico, só tu a podes salvar, se os meus presentimentos
forem certos; não tu, o meu amigo Fernando, porém tu, o seu
doutor Fernando Leveil. Comprehendes-me agora? Ha naquella

família uma pessoa doente, não de uma daquellas moléstias que matam
de repente, ~~repentinamente~~, mas de um padecimento que definha lentamente até
que acabar, quando menos se espera, a existência! O general não lhe presta
grande attenção; tem o corpo m^{to} maculado de cicatrizes para crer nas
feridas que as mãs deixam; e quando elle diz: "Ora vamos, isto não
há de ser nada!" — ou se me engano completamente, ou tu has de dizer
o contrario.

Fernando.

Por certo que te enganas. — Que idade tem ella?

Alberto.

Vinte e dois annos, pouco mais ou menos — ^{Porém,} ~~Deixar~~ hoje mesmo
has de vir-a, se queres prestar-me o serviço que tenho pedido-te.
O general chegou a Paris, hontem de manhã, com toda a fa-
mília; devem passar aqui alguns dias somente, e ajustaram ir a
m. casa, ás duas horas. Tu estarás lá, como p^o acasos, e poderás
então expor-lhe a doente, sem que desconfie. Terás que me não
enganas annunciando-te um caso grave. — Logo contar contigo?

Fernando.

Espero que a não duvidasses? Vrai a tua casa ás duas horas — e salva-
remos, custe o que custar, a formosa Gabriella.

Alberto.

Gabriella? — Teus olhos: a mim si me havia aguçado o mais im-
portante! A tua cliente, meu amigo, chama-se, ellea — Branca
de Valmeuil. (Fernando escreve este nome na carteira; e vai bus-
car o paletot de que veste uma manga.) Agora, vou deixar-te;
tenho ainda de assistir hoje a dois casamentos.

Fernando.

A dois?

Alberto.

Que queres? É necessario andor em dia! Atté logo! — Não te esque-
ças? — Alberto de Bégiers, rua Nucem, quarto andar — Atté
logo. (Vai)

Scena X

Fernando, Miguel, depois Francisco.

Fernando (a Miguel, que entra apressado)

Que foi? que aconteceu?

Miguel.

Vinha a correr para me participar que aquella pobre mulher
por quem se interessava....

Fernando.

Acabou?

Miguel.

Manifestou-se uma nova crise, e....

Fernando. (Fernando e consigo)

Venha, venha d'ahi! (No momento em que vão para a sala,
apparece o enfermeiro)

Francisco (a Fernando)

E' imtil, seu doutor. O N.º 17, da enfermaria de Santa
Genoveva, acaba de fallecer. Aqui estao os papeis que ^{provam} ~~testificam~~
a sua identidade. Alem disso, era m. conhecida dos habitantes
do bairro. Chamar-se a Dm. Laroche....

Fernando.

A senhora Laroche! - a Dm. Laroche?

Francisco.

Rua de Bac..

Fernando.

Dê-me os papeis! - (pegando nelle) A Dm. Laroche, rua de
Bac, N.º 12. A mulher agueu Jorge me entregou de en-
tregar este maço de cartas... (m. ella) E' ella-mesma! - Morreu,
e morreu aqui? (Momento de silencio. Offendo p.º o maço de
cartas que mostrava a Dm. Laroche) E que hei de fazer agora as
cartas de Jorge? - (saí)

Francisco. (a Miguel)

Em vinte e cinco minutos doente...

Miguel.

Ah! Tome, neste caso, uma porção de ^{testes} emetico.

Francisco.

Pluzado. (a ponte) Em quanto aqui estiver no hospital, já
mas torno a beber senão água! (dirige-se para a direita)

3

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

23

Acto Segundo.

Uma parte do jardim pertencente a casa de Habitação da família de Valmeil: á direita um pabilhão elevado unicamente por um degrau; á esquerda no jardim, um canapé de ferro; cadeiras, meza pequena á direita e um banco pequena.

\ Cena I

Baptista, depois Alberto.

(Ao levantar do pano, Baptista, sentado em frente meza, examina uma porção de bilhetes de visita)

Baptista (pegando nos bilhetes e lendo)

O Sr. Marquez de Villefeu. — Grande nome! — O Sr. Conde de Chambray. — Grande família! — O Sr. Visconde de Moreuse. O Sr. M... (detendo-se com indignação) Quem será isto? O Sr. Alexandre... Não conheço. (mette o bilhete na algibeira)

Alberto (entrando pela direita)

Hei de afinal encontrar alguém.

Baptista.

O Sr. Alberto de Blezius.

Alberto. (adiantando-se)

O mesmo, em pessoa.

Baptista. (levanta-se)

O senhor de Blezius!

Alberto.

Que fazias tu ahí?

Baptista.

Estava percorrendo os bilhetes de visita que nos mandaram durante a grave doença da minha Branca de Valmeil. Querias vê-los?

Alberto (sentando-se no canapé)

Não te quero incomodar.

Baptista.

Faltava-me só este. (lendo) O Sr. Visconde de Grey.

Alberto.

Estas cada vez mais enfiado em nobreza, e sentindo mais orgulho p^{ro} titulos que aquelles quem pertencem? E continuas a applicar o teu favoro: - não conheço, aos nomes que apparecem sem que os precedam de! Formo a encontrar tudo exactam^{te}; não me trocásam o meu excellente Baptista.

Baptista.

Cada qual tem lá o seu amor-proprio! Que sensação puer que um cuado produza annunciando o Sr. Berthand, por exemplo? (repetindo) O Sr. Berthand! - Não tôa! Em quanto puer, pronuncie o primario nome que lhe lembra, o Sr. Conde de Valmeuil. (repetindo) O Sr. Conde de Valmeuil! - Que tal! Tôa d'outro modo! Ecode espontaneo e cheio de melodia - Basta abrir a bocca!

Alberto.

Ainda não tinha encasado a nobreza debaixo desse ponto de vista! (Gabriella entra pela esquerda)

Gabriella (a Baptista, sem ver Alberto)

Baptista! (vendo-o) O Sr. de Bléziens!

Alberto (levantando-se e inclinando-se)

Abençoa senhora

Gabriella

Baptista, o Sr. Conde chamou-o! (Baptista, depois de ter cumprimentado, dirige-se p^{ro} fundo, com os bilhetes na mão, e sai)
Ah! Sr. de Bléziens!

Scena II

Gabriella, Alberto.

Alberto.

E o meu abraço?

Gabriella.

Resolvi não lh'o dar, e não lh'o dou. Ha quantos dias não nos apparece.

Alberto.

Apoteose ignoras
de Fátima e de... que não sei contar.

Gabriella.

Não eu, que sei contar, M'o digo. Há oito dias, oito seculos!

Alberto.

Oh! seculos dos mais pequeninos! — Formado inutil para uns, fazi visitas outros, e' logico? — Ahm disse, tenho os meus deentes em Paris!

Gabriella

Deentes que te acompanham aos espectaculos, aos bailes, e a outros divertimentos.

Alberto.

Que pueros? se a distracção e' que os cura? — Ora vamos, não te zangues. E repasa por um de mankan cido!

Gabriella

E' meio dia.

Alberto.

Aqui, — mas em Paris! (repolhia-se ao camapé)

Gabriella

Queres este banguinho aos pés?

Alberto.

Ora essa, de modo algum! Onde está, parem, o banguinho?

Gabriella

Isso puer dizer que o aceitava! — Não M'o deu, não senhora. Está ali p.^a a nossa querida Branca que sem lige fustear p.^a promeira seg ao jardim, e que virá, estou certa, descansar em frente do gabinete de trabalho do Sr. doutor Pelloil! (designa o pannelão) E eu que julgava que todos os medicos eram feios e velhos! (senta-se ao pé de Alberto)

Alberto.

Isso e' um ^{meu} idio de criança!

Gabriella

Vi- os todos com oculos de oro d'ouro no nariz, e de gravata branca ao pescoço, comugava o que ~~era~~ ia lá ao convento. O Sr. Pelloil parem, não usa de coisa alguma destas! Lembra-te da promeira seg que o viuz? Foi em tua casa, onde te ia visitar.

Alberto.

Por acaso.

Gabriella.

D'ali a tres semanas, sa's tu chamal-o a toda a pressa, e minutos depois estava a' cabeça de Branca; Ha quatro mezes que isto aconteceu, e presentem^{te} o general não quer ao pé de si senão o doutor Letmoel. E' o seu maior amigo.

Alberto.

Vamos lá a saber, Gabriella; e' sómente o General que nesta casa sente amizade p.^{to} nosso doutor?

Gabriella. (apreendo-se)

Não sei se devo comprehender-te.

Alberto.

Não deves, e p.^{to} isto maior será o teu misrecumanto de me comprehenderes. — Acaso Branca? Oh! como ficaste seria, de repente! Adiante, amigo que me vais dar a tua resposta favorita. (levantando-se)

Gabriella.

Vou, meu senhor, p.^{to} que taes observações não são proprias da m.^{da} idade. Nunca me zango quando me chamam criança; sento que o melhor cumprimento que me podem fazer. Tenho dezete annos, Alberto, e nesta idade seria ridiculo que eu brincasse com bonecas? Para que queres então que, em me presta ao ridiculo de representar de senhora?

Alberto.

A m.^{da} pergunta não era inconveniente. Tu, porém, queres ser da tua idade? — O caso e' tão raro que eu não posso deixar de o applaudir com ambas as mãos!

Gabriella.

Em principio ligo, eu não frequento a sociedade. — Após as noites ao pé da m.^{da} querida Branca, conto-me a quem fôr, mostro-lhe o meu bordado, dobramos juntas as lavas de que preciso; das nove horas, o general recolhe para casa, arrumam-se as mezas de jogo, e...

Alberto.

Não andavi-te entora?

Gabriella.

Vou-me eu, por m. liza vontade. Eis a razão p' que não posso responder ás suas perguntas, senhor curioso.

Cande (no bastidor)

Ella ha de estar por aqui.

Gabriella (olhando e subindo)

General. — E Branca que estava a m. espera. (da' alguns papos)

Alfredo (detendo-a)

Encargo-me de obter o teu perdão, pois não me esperavam. E como nada me puzeste dizer, eu observei, — e é proprio da m. idade.

Scena III.

Os mesmos, o Cande, Branca e Fernando.

Cande (da' o braço a Branca, Fernando segue-o designando Gabriella)

Que lhes dizia eu! — (à filha) Queres sentar-te um instante, Branca?

Branca (largando-lhe o braço)

Ea obrigada, não quero. Quem precisa mais descansar é meu pai, ^{braço de} ao quem me encosto ha tanto minutos.

Fernando.

Mãe. V. Ex. não se sente cansada?

Branca.

Por certo, que não, doutor. Não me incommodou esta primeira saída. Desconfio pouco, que me atafiei de mais. Querer tornar-me medrosa!

Cande.

Faze hoje de valente, faze.

Fernando.

Como foi minha a culpa, é justo que eu a regate. (Apropria-se com p. Me tirar o mantellete.)

Branca (travando-o no braço)

Obrigada, doutor. (a Gabriella, dando-lhe o mantellete) Aqui tens, mãe, que me abandona esta manhã; — aqui tens p. a teu castigo!

Gabriella.

Oh! não o culpes comigo, Branca, que não fui eu a única culpada!

Branca.

Ha entao mais alguma? *(vendo Alberto que se conserva a affastado)*

Alberto. *(a Gabriella)* Obrigal-o - has a levar metade.

Conde *(a Alberto)*

Donde surdiste tu?

Alberto. *(indo ao fundo)*

De uma das suas avoas, meu padrinho, que lhe apresentou. *(a Branca)* A'm. querida Branca, ja' eu nao pergunto como esta. -
Bom dia, Fernando.

Fernando.

Não me enganei entao ainda agora, ao vêr do terraco passar um
homem a um cavallo n'uma nuvem de poeira?

Alberto.

Eramos nós. *(sacudindo-o)* Eis-aqui a nuvem!

Branca.

E desta vez sera' outro por alguns dias, Alberto?

Alberto.

Alguns dias, se me dá' licença, querida Branca. Tanto passar a-
qui o outono.

Conde.

Seas o resto quanto pareceiro ao whisky. *(Branca senta-se a' direita)*

Alberto.

Outras, os fidalgos, em vez de uma ~~grande~~ *(deito)*, meu padrinho,
parem, com uma candieas... *(momento de silencio)* e' que me
ham de permitir, antes de tudo, que aluce? ... Estou morto
de fome!

Gabriella *(sobe)*

Pobre prima! E' necessario restitui-lo de pressa a' vida! *(falha
assida)*

Conde *(detendo-a)*

Donde e' que tu vais? Espruce-te de que e' a hora da ^{conferencia} ~~conferencia~~?
(a Alberto) Vem comigo, - e, para te nao impacientares, em

que te arranjam e alucos, ináguos vir os meus cães da Escócia?
Quem?

Alberto.

Preferia ver o alucos!

Conde.

Não acrescentes mais uma palavra, ou digo ao doutor que te ponha a dieta!

Alberto Fernando.

Quem? - A dieta!

Alberto (levantando-se e saindo)

Vamos ver os cães, meu padrinho! - Vamos ver os cães! (saindo p.^a fundo à esquerda)

Scena IV

Branca, Fernando, Gabriella.

Branca (sentando-se no canapé)

A conferencia! Ha tres meses que a conferencia nos reúne todos tres, á mesma hora. Meu pai tem razão, Gabriella, o teu lugar é aqui, ao pé de mim!

Gabriella

E seu dominio tornaria supérfluo o meu voto. Não, m.^a amiga, p.^a que tem influencia sobre mim. - Meu dolo, de longe, poderia observar a melhora!

Branca (virando-se para Fernando)

É terrível o seu collega, doutor. Deseja que a miséria da sua confiança e que elle me salve, - sob a sua direcção, - apressin sobre mim um ar tal de superioridade! (voltando-se p.^a Gabriella) Vejamos; o que recitas á tua frente?

Gabriella

Importa, antes de tudo, que nos certifiquemos de o estado febril desaparecer; é esse ponto essencial! - Deixe-me ver o pulso? - (toma-lhe gravemente o pulso a Fernando.) Está regular. Vejamos o resto? - Mesmando pela sua vida, está salva! E si me resta affaz - tar-me.

Branca (levantando-se)

Esqueceu-te recitar! - Com pueras entao que te treme a srio.

Gabriel,

Eis a receita: todas as manhãs um grande passeio pelos campos; durante o dia, nem uma hora sequer consagrada ao isolamento. Quanto aos trabalhos de quillha ficam reservados para os dias de chuva; Abundante bondade e indulgencia, e' esta a receita do medico ao terminar a sua visita, cujo preço e' de (abraçando-a) Da-me um beijo!

Branca (abraçada a ella)

Ah! boquinha querida! boquinha que ri agora e que zomba! Não te surpreendi em m.^{tas} vezes, inquieta e desanimada, durante as m.^{as} vigílias? - Não são crises estas que esquecem, meu querido medico para rir, que tanto choravas à m.^{ca} cabeceira!

Gabriel.

Eu? - estás enganada, Branca!

Fernando.

Para que se defende, m.^{ca} senhora? - Apesar dos nossos esforços, nem sempre conseguimos diminuir a prurência inapetente mística, e tatey em p.^{ras} vezes she manifestasse demasiadamente a mimha, ao aproximar-me do leito da sua omeija. V.^{ta} E.^{ta} podia chorar, eu, tremia.

Branca.

Foi que deram tudo e todos p.^{ra} m.^{ca} causa, doutor. E se todos aquelles que me rodeiam, e que me estimam, p.^{ra} mim th'ó agradeceram, sou eu que hoje th'ó agradeço por elles.

Fernando.

Não posso aceitar os seus agradecimentos, m.^{ca} senhora. Preci-
sava alguns meses de descanso, mudança de ar, a vida tran-
quilla de campo; encontrei tudo isto em casa do Sr. de Val-
meil, - e se a dorso completam.^{te} restabelecida, ao partir, tanto
bem eu sou curado.

Gabriel (indo a Fernando)

Ah! Sr. Senoel, e' m.^{to} mal feito fallar em portada, no momento em que nos vê a todos allegres! - Não e' assim, Branca, não

d'apain.² (fay sentar Branca no canapi')

Branca.

Gabriella tem rapaz, doutor.

Gabriella

E, que hei de eu fazer, se sobrevier uma nova crise? É mister prever tudo, na nossa profecia! — Exijo, ao menos, que me defina a causa da doença de Branca, para que eu possa responder ao general, se elle me interrogar, como outro dia interrogava Alberto.

Albert Branca.

Dizes, que meu pai interrogava Alberto? E que podia elle res-
ponder-lhe? — Souhaste isso, Gabriella! — A causa da m. doença?
Amouha-se, um dia padecendo, de repente, sem motivo, mas é affim,
doutor? Par que me não interrogava meu pai, quando ^{eu me sentia} ~~me sentia~~ in-
quieta, perturbada, prostrada p' um causaco desconhecido? Estava
entao longe de mim! — Sai ^{de me} ~~quando~~ ~~saia~~ abraçava entre duas vi-
geas, quando atravessava a galope Paris, encontrando-me de esdo-
rez mais pallida: — 'Não é nada! não é nada!' dizia elle —
Ha um anno, pouco mais ou menos, requereu elle a sua reforma, e veio
para aqui. Uma noite acabava eu de entrar ao meu quarto e tinha
fervida a ch' de todo feito temporal todo o dia. A chuva caia em torrentes,
com grande estampido. Quiz ir fechar a janella que tinha deixado
aberta, ~~acaminhei~~ e incaminhei-me para ella; — e ^{tu} ~~repentinam~~, sem gestos,
sem gestos, ~~cahi~~ cahi sem sentidos no pavimento. Quando voltei a mim
e abri os olhos, estava o doutor ao pé de mim; meu pai havia-se en-
ganado: era alguma coisa.

Gabrielly.

Branca!

Fernando.

Uma doença nervosa; nada mais, porém levada ao delirio excessivo.
Hoje os cuidados do medico são muitos. Não parto!

Brance (levantando-se)

E quando tenciono partir?

Fernando

Arankan, minha senhora.

Branca.

Setel-o mais tempo, sena egoismo. Deixa de sentir a sua partilha,
sena ingratidão. (a Gabriella). Tendo agora fui, - dá-me esse
mantelite.

Scena V

Branca, Fernando, Gabriella, Alberto.

Alberto (unido da esquerda)

Eu já' votto, meu padrinho, já' votto; tem que fazer, p.^o menos uma hora,
com os seus architectos. (em scena). Uma hora - ou duas! - Pusa
unicam^{te} nos embellezamentos, - quer dizer, em deitar abaixo. Apro-
veiton-me immenso a sua ultima viagem a Paris! - (papa
a Branca). Tinha nos seus projectos de ^{de todo} o ^{seu} aqui, m. ^{seu} ^{seu} ^{seu}
Branca, e está formal^{te} decidido ^{seu} habitar a La Fete, - mesmo
no inverno.

Branca.

Obvio, não, - principal^{te} sim. - A distancia de Paris ate aqui
é pequena, e a casa é grande para hospedar toda gente.

Alberto.

Oh! se eu tivesse um lugar qualquer, como havia de pedir licenças
para vir papal-as ao pé de Branca.

Fernando.

^{semphante}
Essa resolução não fará arrepender V.^o E.^o - Será real^{te} amio
para isto?

Branca.

A nossa resolução não é invariavel. - E se o aborrecimento entrar
nesta casa, sahiamos logo della (Lenta-se a direita)

Gabriella.

Nada receio, Branca, que eu farci sentinella.

Fernando.

Tambem V.^o E.^o - É uma liza.

Alberto.

Oh! pobre amigo, que contavas com uma alliada. ' Tu não conheces
Gabriella. - Que fazeres as mercearias em Paris? - Vão umas vezes

a' Grande Opera e outras vezes aos Italianos. Se lhes não concedessem
^{innocentes} estas distrações, choravam. Se as concedessem a Gabriella, seria
que se affogava em pranto. — Não é proprio da sua idade!

Gabriella.

Ah! tu zombas de mim, Alberto? (vai ao pé de Branca)

Alberto.

+ Pois cês? — Espectaculos, musica! — Lecturas, musica! — Os li-
vros tambem são proscriptos, e a sua mocidade, melancolica ainda os
contos da infancia!

Gabriella.

Alberto!

Alberto (continuando)

^{Gata borralheira, exemplo}
A ~~Petota~~ ~~Roccat~~ não esqueamos a ^{Gata-borralheira} ~~Petota~~ ~~Roccat~~. É isto que desin-
volve o sentimento da familia. —

Fernando.

É desapiadado.

Alberto.

É o Barba-azul! A historia de um ^{sugueiro por casamentos} ~~homem~~ ^{que casou de}
~~seu~~ ^{seu}. É o que prova? Que se não deve casar com um homem
que já enfureceu sete mulheres? — O mais simples tem seus o o
indica!

Gabriella (levanta-se e aproxima-se de Alberto)

É tambem que a curiosidade é o peior dos defectos?

Alberto.

Seja assim; mas o que ficaria deba volta concluido, se a senhora
Barba azul, — oitava de nome, — em vez de empregar o dia
em limpar a chave da guarda-roupa em que Barba azul pen-
durava as mulheres — ^{limpando} ~~limpando~~ a e tornando-a a ^{limpar} ~~limpar~~ — ~~limpar~~
simplesmente a casa do servalheiro que morava defuncto, e
lhe dize: aqui estao dez francos, paga-me uma chave igual a
esta, que eu venho buscar-a á noite? —

Gabriella.

Esqueces-te que esse caso passou-se n'um domingo — e que os
servalheiros não trabalham neste dia?

Alberto.

Moralidade: - As mulheres só devem ser curiosas - ao dia de semana!

Branca. (levantando-se)

Como Alberto despoetisa tudo! - Em que se deve crer, agora?

Gabriella.

Quanto a mim, convenceste-me; - d'ambos em diante, só leio o Monitor!

Alberto (falando à direita)

Sempre extravagancias!

Gabriella.

Dedicó-me às coisas sérias, aos decretos, as nomeações da ordem da Legião de honra!

Branca.

Terá um meio ~~de~~ de termos cêto notícias de alguns amigos, nêpas - p. exemplo, suas, Sr. Samuel. (Pega junto de Fernando)

Fernando.

Morinhas, disse V. Ex.?

Gabriella. (a Alberto)

Bebe sê que a m. idéa val ^{gem} ~~per~~ outra?

Alberto.

Nêcil outras! - Liveste-a, sômente, um anno mais tarde. (Gabiella sôbe)

Branca.

Explique-se, Alberto?

Fernando.

Morinha senhora! - Prohibo-te! - Foi um gracejo de Alberto.

Alberto.

Não foi, Branca; foi uma bella accão de Fernando. - Em seguida a uma epidemia que se tinha desenvolvido com a maior violencia, o doutor Nêcil que ~~per~~ desempenhou a sua missão com estremo zelo e prova da coragem, tornando-se notavel... (voltando-se p. Fernando que quer fazê-lo callar.) Continua, continua, que

em hei de dizer tudo até ao fim! — O doutor Serroel recebeu aviso officioso da sua nomeação de cavalleiro da Legião de honra. Que faz então elle? — Corre a casa do ministro a agradecer-lhe? — Qual! — Vai supplicar Sua Excellencia! — supplicar, sim, cortejar!... para condicionar em seu lugar um homem velho, porém um grande sabio, cheio da mais vasta erudicção e extremamente modesto, de quem se haviam esquecido. — seu pai!

+ Fernando.

Merecia, ha m^{to} tempo, essa distincção

Alberto

E tu?

Fernando.

Hei de merecê-la ainda

Branca.

Nunca pensei que pudesse haver mais orgulho em desistir de ter a cruz da legião de honra do que em tê-la.

Alberto.

Não foi um bello ~~pe~~ rasgo que elle praticou? — ~~Fernando não se~~
~~não foi uma acção~~

Gabriella (trindade, descendo ao pé de Fernando.)

Sr. Fernando... (detem-se) Permite-me que lhe aperte a mão?

Fernando.

Minha senhora!

Branca.

Gabriella!

Fernando. (a Alberto, depois de haver apertado a mão de Gabriella)

Bem vêz, que as boas acções acham sempre recompensa.

Scena VI

Os mesmos, Baptista.

Baptista (a Branca)

A entregaria da merina que chega de Paris, pergunta a que horas
pode recebê-la. (a Fernando, entregando-lhe uma carta)
Para o Sr. Le Noët.

Branca.

Mas... (voltando-se p.^a Gabriella) Responde tu, Gabriella.

Gabriella

Que formalidade, Sr. Baptista! Vamos immediatam^{te} dar-lhe
audiencia!

Baptista.

Onde está concluindo a sua correspondencia para o corrio.
A merina não tem cartas? - (a Gabriella) É a merina?

Gabriella (rindo)

Eh! - Que typo é este Bapt^{ta}! As merinas não escrevem cartas,
- não é gatin, Branca?

Branca.

Acompanha-me, Gabriella, acompanha-me. (cumprimentam
e saem pela esquerda)

Scena VII

Baptista, Fernando, Alberto.

Baptista.

É a hora do corrio; - vinha perguntar ao Sr. Le Noët...

Alberto. (a Fernando que acaba de
lê-la a carta)

Se tens que responder, deixo-te sozinho.

Fernando.

Fica. Esta carta é da Sr.^a Moura, da minha de fôrça. Per-
gunta p.^a não receber noticias de minha, pergunta-me se eu fui
mais feliz. - Por certo que não. Parecem como ella habita E'tampes,
a tres leguas d'aqui, irrei eu mesmo levar-lhe a resposta. (a Bap-
tista) Hoje não tenho cartas p.^a o corrio, Baptista. - Pode
retirar-se.

Baptista.

As suas ordens. (inclina-se e sae a' esquerda)

Scena VIII
Fernando, Alberto.

Alberto (depois de um momento de silencio)

Fernando, desde esta manha que te observo; mudaste completamente; — e, de balde, imagino o que tu esperas para me fazeres as tuas confidencias

Fernando.

Espero ter alguma coisa para te confiar.

Alberto.

Pues absolutam^{te} que eu te diga, a ti-mesmo, o teu segredo?

Fernando

O meu segredo? — Ah! vejo afinal qual é o alcance das tuas perguntas, e sinto que devo tranquilizar-te. Foi o medico — e so' o medico que velou á cabeceira de Branca de Valneuil. Fui eu que alcanciei a estima de todas as pessoas que me rodeavam; mas quanto a alcançar o amor de uma só, veja, Alberto, — que não faço pagar tão caras as m.^{as} ventas.

Alberto.

Quem te fella isso? — Poderá chegar um dia em que eu duvide da m.^a lealdade; da tua, nunca. — Fois um modo de apertar o coração que não engana. — Porém o general, com quem eu conversei muito esta manha, professa uma grande admiracão p.^a teu talento, uma grande sympathia p.^a te, e nada me prova que Branca não seja da m.^a opiniao do Conde de Valneuil. — Não é' raro, Fernando, que uma filha pense como seu pai.

Fernando. (vivam)

Alberto! — (screnando) Endoideste. — Bem sei que o Con. de Valneuil me considera o salvador de sua filha, um homem que faz milagres — Tenho dez mil collegas que os fazem semelhantes — quando Deus quer — Porém ella! Quem sou eu, porventura?

Alberto.

É' algum!

Fernando.

Sou algum, no meu hospital, rodeado dos meus discipulos, com os

Ferros na mão, talvez. - Minha sala, quem me conhece? (levanta-se
a direita)

Alberto.

É' assim; uma natureza inquieta que a menor sombra afusta. É a consequência de nunca haver amado! Duvida-se das mais legítimas sympathias - e, neste caso, a negação de si-mesmo já não é modestia, - é timidez.

Fernando.

Não te fies, Alberto, nos corações tímidos! - Se levam tanto tempo a entregar-se e para se entregarem interiores! - Esse thesouro de affeições centenas adquirido, dia a dia, com a rudeza do avarento, não gastal-o prodigamente, por um olhar, por uma palavra! - Os corações tímidos! Para elles não ha transição; não passam insensivelmente de um sentimento doce a um sentimento terno, da amizade ao amor! - galgam de um salto as primeiras sensações, e apressam-se a ousar amor, - adoram!

Alberto.

Ha quatro mezes não fallavas assim.

Fernando.

Ha já' quatro mezes!

Alberto.

E se Branca te ama?

Fernando.

Ella! (levanta-se)

Alberto.

Quem sabe!

Fernando.

O que?

Alberto.

Ha muito tempo que eu e ella nos conhecemos: porce-me vi-la caindo nos braços de sua mãe; era então uma criança! Branca depois de curada por ti, está mais doente a meus olhos do que já fui. O mal então cedde, volvesa; e que não é resultado de uma causa phisica, mas sim de uma causa moral. Aquella

coração existe uma ferida profunda e secreta. - Fui proeminente que
foi um amor desgraçado.

Fernando

Fulgasta?

Alberto.

Hoje desenganei-me que não era. e se tento se em alguma coisa
neste mundo, é na pureza, na virtude de Branca. É uma
mulher de Vem; mas repito, a sua alma padecer, e talvez precise
para a salvar, de uma grande ciência, de um alto espirito, e de
uma afeição dedicada. Acaba pois, o que principiasse. Branca e
tu, são dignos um do outro; ^{um homem de bem} jamais encontram família mais hon-
rada, e a não a haver uma aversão profunda da tua parte, o so-
nho que eu fiz, trazendo-te a esta casa, bem depressa será realidade.

Fernando.

S' tens alguma coisa a responder-me; - é que vou partir.

Alberto.

S' aqui a alguns dias.

Fernando.

Proibito-te, - e muito cedo. Amouham.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Alberto.

Proibito-te, - e muito cedo.

Fernando.

Talvez seja tarde.

Alberto (triumfante)

Amas então?

Fernando.

E ainda elle o duvidava!

Alberto.

Finalm^{te}! Olha que é difficil obrigas-te a confessar as coisas.

Fernando.

Calha-te. - Vou partir.

Scena IX

Condi. Fernando, Alberto.

Conde.

Procurava-o, Sr. Senoel, e já começava a tener que não hon-
re-se porto em execução o projecto de que Gabriella me fallou ain-
da agora.

Fernando.

Pois julga que eu faria tal sem antes me despedir de Duclonde?

Conde.

Gracjara, meu amigo. - Quer entao absolutamente deisar-nos?

Fernando.

Projectava aproveitar a primeira carruagem que amanha apparece
neste sitio.

Conde.

Não consinto. Ha de aceitar a minha.

Alberto.

Mas...

Conde.

Nesta casa, graças a Deus, já se não precisa de medico! Pode ir
fazer os seus preparativos.

Alberto.

Mas....

Fernando (olhando alguns papeis)

Adios, Duclonde.

Conde (detendo-o)

Espere um instante. Eu ainda não acabei o que tinha para lhe
dizer. (entrega-lhe um subscripto)

Fernando (abrindo-o)

Dez mil francos? - Ah! Duclonde, regata como verdadeiro fidalgo
que é, o serviço prestado!

Conde.

Regato-o como pai - e agora que ajustámos as nossas contas e que o
medico se despediu de nós, - queira sentar-se, meu amigo. (Faz-o sentar
no banco á esquerda)

Fernando

Uma vez que V.^a Ex.^a o exige.

Conde (sentando-se)

Por certo, que esijo! — Em primeiro lugar, (Alberto vai encostar-se às costas do banco) estenda-me a sua mão. Desejo manifestar-lhe assim quanto o estimo e quanto lhe quero. Há quatro meses que ouvimos juntos, e que eu o observo e estudo; e hoje, depois de tudo que tem feito por nós, resta-me ainda alguma coisa a pedir-lhe, a obter: a sua amizade.

Fernando.

Consagro-lhe a mais verdadeira e profunda, seu Conde!

Conde.

Bem vê, que principiamos a entender-nos. — Branca tem vinte e dois annos; é necessário casá-la. Porém eu não queria vê-la affastar-se de repente do seio de um pai, elegante, carattivo que entra em nossas casas com uma recommendação mais ou menos sincera, e que depois levam nossas filhas em seguida a não sei que troca de escrituras entre as duas famílias. Consentindo em dividir a affeição de um filho, necessito em compensação poder contar com a affeição de meu filho. Conheço o seu character, differença-me o medo humilhante por que debutoi n'uma carreira difficil, e a honra de ~~da~~ ^{da} ~~seu~~ ^{seu} ~~caracter~~ ^{vida}; não se admira pois, que eu lhe falle assim. Mas como era rico, muito rico, ^{como} ~~se~~ ^{tem} ~~tem~~ ^{tem} outra riqueza mais que a que lhe dá o batalho, permitta-me que eu tome a iniciativa e que dê o primeiro passo. (levanta-se)

Sr. Fernando Le Noel, peço-lhe a sua mão para m. filha Branca de Valenciel.

Fernando (muito commovido)

Senhor Conde! Senhor Conde!

Alberto (virado á direita)

Realizen-se o meu desejo.

Conde.

Espero a sua resposta.

Fernando (depois de leve hesitação)

Sinto deveras orgulho de tamanha honra, Sr. Conde; considerar-me-chia muito feliz se não fallese unicamente em seu nome.

Conde.

Refere-se a Branca? Simbre-se que a salve.

Fernando.

Naquella idade, não se casa por gratidão. Supplicio-Me, DuFonch, que espere ainda algum tempo para interrogar sua filha; ella acaba de passar por uma grave crise; e seu estado reclama grandes cuidados.

Supplicio-Me, DuFonch, espere, - espere que eu parta.'

Conde.

Fic-se em mim, Fernando, e quando eu o fizer será o amigo e não o pai que a interrogará.

Fernando

Obrigado, DuFonch, obrigado. (dirige-se p. a direita)

Alberto (acompanhando-o)

Enganei-te? - Bem vêes que todos te detem!

Fernando.

Todos, sim, (consigo) excepto ella! (são pela direita)

Scena X

Conde, Alberto

Conde (sentando-se, á esquerda)

Vamos lá a saber, Alberto, estás contente comigo? - Fernando
páa.

Alberto.

Até amanhã.

Conde.

Ha de voltar depois.

Alberto.

Obrigou-se tacitamente a escolher o momento de interrogar Branca?

Conde.

Plurimi. (tirando o relógio) Dentro de vinte minutos, Branca haverá respondido.

Alberto.

Vinte minutos? - (tirando o relógio)

Conde.

Vinte minutos, sim! (passa a direita) Vou directo ao meu filho sem desviar uma linha.

28
Albino.

Com as ballas de antithesia!

Conde.

Ahi vem, Branca. Seipa-nos.

Albino.

Já me sou enbora, meu padrinho (aparte) Eis tambem casado o meu
amigo Fernando. (sai pela direita)

Scena XI

Branca, o Conde.

Conde (indo sentar-se a' direita)

Espere.º - Não certo, que não! - Fernando ha de ser feliz hoje mes-
mo - e a seu pesar.

Branca (vindo da esquerda)

Esta' só, meu pai.º - Fugava o doutor em sua companhia?

Conde (estendendo-lhe a mão)

Sabio agora d'aqui - e viés - me bem triste.

Branca.

Porque.º

Escola Superior de Teatro e Cinema

N'a m. idade, ^{tem-se apego} ~~quem se desliza~~ ás derradeiras amizades, e, quando aquelles
que p' habito encontravamos todos os dias, a toda a hora, se affastam
repentinam, quem sabe se jamais os tornaremos a vêr?

Branca.

Meu pai! - At que proposito.º

Conde.

O Sr. Le Moel acaba de se despedir de mim.

Branca.

O Sr. Le Moel deixou uma numerosa clientela em Paris; muitos
daquelle que elle tinha abandonado por nossa causa chamam a si o
per cento, e hoje meu pai deve ser o primeiro, hoje que as suas
inquietações se dissiparam, a pensar nas inquietações dos outros.

Conde.

Norem eu sou um grande egoista! Não penso senão em mim, - em mim!

Branca.

Em mim?

Conde.

Em ti, sim. Mas val que o saibas immediatamente. Sou pouco affeto, sem saboz, aos rodeios, ás subtilizações da linguagem, e creio que as coisas Brancas devem ser Brancas, e simples. Quero a Fernanda de todo o coração, é um rapaz leal e digno... e era o marido que eu ~~queria~~ queria para ti, o filho que eu queria para mim.

Branca.

Th! — elle pediu-me a m. mão?

Conde.

Não, sou eu que t'a peço para elle.

Branca.

Th! — e elle sabe?

Conde.

Porque th'o havia de esconder?

Branca.

E elle aceita?

Conde.

Se te ama.

Branca.

Ama-me? — Elle diz que me ama?

Conde (levantando-se)

Ama-te. — Que respondes?

Branca.

Respondes — que me não quero casar.

Conde.

Não queres?

Branca.

Mau pai.

Conde.

Cêdo ou tarde toda a mulher deve casar. — Tens vinte e dois annos, Branca, porque é' que não queres?

Branca.

Porque? — Eu não sou uma mulher como as outras... (insuamento do-
geral) Os carinhos, os affagos, que ellas tiveram na sua infancia,
peço-lh'os eu hoje para mim: não basta dizer a uma filha que
é amada, é mister provar-lh'o.

Conde.

Porem, Branca, eu não cuidava...

Branca.

Viveu tanto tempo longe de mim, meu pai! Há tanto tempo
que eu o não via, e já fallas em apartar-se; — quer apartar-
se de mim, meu pai?

Conde.

Apartar-me, eu! — Tu não fallas seriamente, Branca! Eu
não te ordenava este casamento, a mim mais grata esperanza, pe-
di-te que o realizasses. Tu não queres? — Deixa pois, feita a tua
vontade.

Branca.

Meu pai!

Conde.

Não fallemos mais nisso! — Eu nunca te ^{constrangi} ~~constrangi~~; nem te
quido constranger. Se Fernando padecer, se todos os meus pro-
jectos se annullarem, que importa! — É livre, — não fallamos
mais nisso!

Branca.

Meu pai!

Conde.

Não fallemos mais nisso, repetito. (affasta-se para a esquerda)
Gabiella (entrando pela direita)

General!

Conde.

Que é que tu queres?

Gabiella

Eu queria....

Conde.

Deixa-me!

Gabiella

Mas...

Conde.

Diga-me!

Scena XII

Branca, Gabiella, depois Fernando.

Gabiella.

Ah! o general está zangado!... e eu paguei por ti! (aproximando-se) Também não me queiso! (mysturando) Ora diga-me, elle fallou-te no Sr. Le Moil?

Branca.

Também me vais fallar do Sr. Le Moil?

Gabiella.

Ah! acivrinhei estas!

Branca (papa a' espreia)

Acaso tem outro nome na Goeca? — Proclamam realme. Um atto a sua amizade e o seu enthusiasmo! — Fallemos pois, do Sr. Le Moil; já' que apriu o puer, já' que apriu o puerem todos; Men poi, é' so elle que vê — e tu. — Ah! tu, Gabiella, és o che. Ye, és a alma de esta obra de admissões e propaganda.

Gabiella.

É' justa, Branca, — porque elle deixa-nos amanhão.

Branca.

Amanhão? — Ha uns poucos de dias que o annuncia, e cada vez com menos resoluções e mais tristeza.

Gabiella.

Se elle é' doloroso esta partida?

Branca.

E a mais ninguém o será?

Gabiella.

Ah!

Branca.

Não o será também a ti, e a meu pai?

Em nunca te vi assim, Branca. Parece que vai dentro em te
uma grande luta; - são duas forças que se combatem: - uma que
^{repellir} parece ~~repellir~~ o nosso amigo; - em quanto que a outra...

Branca.

Em quanto que a outra atenta que o amo... - Por que te detens?

Gabriella.

Elle ama-te!

Branca.

Como o sabes?

Gabriella.

Mas...

Branca.

Por que elle t'o disse? - Ditt-o a toda a gente, pelo seu jeito! ^{(preparando}
^{a directa)} Vejamos, de que misérias forte tu encançada? - Oh, que não
comprehendem quanto esta misistenera me offenda? quanto me faz pa=
dicer esta miséria? - Pois não comprehendem p' que? - Oh, até sim=
to vontade de chorar.

Gabriella

Branca!

Escola Superior de Teatro e Cinema

Deixa-me! - Queres saber o que os rapazes dizem entre si, quando
se apartam de nós, ^{movendo de amor?} ~~deixando de nos tristes e a se separar para nunca mais voltar?~~ - Mi=
em, - apontam-nos ao dedo! A comedia tem bom gosto! - Realisa=
sam o seu ideal - isto é o seu ideal de riqueza!

Gabriella.

Porém nós fallavamos de Sen Le Noel? - Não te comprehendo portanto.

Branca.

Não me comprehendes? - Acaso te ensinaram a desconfiar? Como
has de tu crer que ha oitavos que enganam, vozes que mentem? Não
me comprehendes? - Sou rica!

Gabriella.

Oh! é mal feito, Branca, muito mal feito! Exactam^{te} na occasia em
que o Sen Le Noel...

Branca.

Encomendava meu pai de pedir a mim. ' (Branca vai sentar-se á direita)

Gabriella.

Elle? Ah! pois bem, agora has de saber tudo. ' Foi um segredo que eu surprehendi, por acaso, quando atravessava o jardim; - deves callar-me, porem não quero vêr accusar um homem de quem sou amiga. '

Branca.

Não queres?

Gabriella.

Não! Alberto e o Sr. Le Moil conversavam juntos. O Sr. Le Moil tinha uma carta aberta na mão, e Alberto dizia-lhe: " Dez mil francos! Que vais tu fazer de semelhante riqueza! ' Vou pedir ao cusa da Ferte que funde uma casa onde serão admittidas as raparigas pobres e doentes, e que eu ponho ~~isto~~ desde hoje sob a protecção de... - Hesitou um instante, - sob a protecção de Albânia. - Porem, ^{exclamou} ~~respondendo~~ Alberto, é o principio avom de Branca? - Branca de repente harcha com certeza perdoo-me, perdoo-a que eu tentasse fazer algum bem em seu nome, mas conto que me ajudarias para que ella sempre ignore. " Em seguida vi-o encaminhar-se para o presbyterio, e... (sendo Fernando)

O Sr. Le Moil! - Pelo amor de Deus, não me abrascos. ' (a parte, sabendo)

Ah! se ella o amasse! - Ao menos não tornara'a accusar. ' (são á esquerda, sendo.)

Branca (consigo)

Sob a protecção de Albânia!

Scena XIII

Branca, Fernando, (sendo da direita)

Branca.

Perdoe-me, Sr. Le Moil; perdoe-me a silencio que eu tenho guardado na sua presença; esta osera que a seus olhos podia considerar desconfiança, perdoe-me'a! Seria mais que injusta, se no momento em que se vai apartar de nós, elle não dissesse ao menos - obrigado.

Fernando (dizendo a scena)

Seu pai agradeceu-me em nome de V. Ex.ª, - e agradeceu-me generosamente.

Branca.

Ah! não me quer perdoar? — Se meu pai pode testemunhar-me
uma pequena parte de seu reconheim^{to}, pertence-me também a
minha parte da dívida que nós contrahimos: os seus serviços pagam-me
unicam^{te} com as mãos vazias.

Fernando.

Cumpri, m.^a senhora, apenas o meu dever.

Branca.

Acudita realm^{te} o que diz? — Não, não foi somente a sciencia que me
salvou: voltando á vida, obedecia a uma vontade mais imperiosa — e
também mais doce.

Fernando.

Morinha senhora..!

Branca.

Deixe-me proseguir..! Tenho muitas coisas a dizer-lhe! — Não me
conhece! Os dias tristes da m.^a existência foram muitos! — E mis-
ter ser indulgente com aquelles que padeceram, — e mister sorrir
áquelles que ainda contem choravam e que foram consolados..!

Fernando.

Dá-me um poder que eu não tenho, m.^a senhora.

Branca.

Ah! — acaba de terminar os seus preparativos de partida?

Fernando.

No momento em que tratava d'elles, Alberto foi buscar-me a diu^{os}
um grande ^{pequeno} peti paiz.

Branca.

Peti paiz?

Fernando.

Percebi-mol-o quasi todo.

Branca.

E' m.^{to} pittoresco, não é? — Eu conheço um outro encantador d'onde
se avista todo o campo.

Fernando.

Ah!

Branca.

E' o presbytero.

Fernando (affastando-se á direita)

O presbytero?... Não fomos para esse lado.

Branca.

Mh'! - Fica no sitio mais elevado da villa. Todos os dias, o sacerdote que vive naquella solidão, mais longe dos homens, e mais perto de Deus, chama a si os fiéis, - os desgraçados que a sua mão ampara, os afflictoes que a sua voz consola. - É esta a hora. A sua missão principia quando acata a do operario; é uma nova luz que brilha após a do sol! Faltta elle e todos se descobrem na sua presença, para o ouvir. O' vós, pais dedicados e estremosos, que tanto pregais a saúde e vida de vossas filhas; ouçai, que d'ora avante elles não faltará medico, nem remedios. Este dinheiro que vides aqui, pertence-lhe, e' dellas todo este dinheiro. Hoje a casa de Deus está rica - e não vos pedi em troca da sua esmola mais de que uma prece a Maria! - Pobres pais, vossas filhas estão salvas! - E os operarios ajoelham e rezam - E todavia, o meu Emmanuel não foi para aquelle lado!

Fernando.

O que?... Pois sabe?... Disseram-lhe?

Branca.

Por força m'o disseram, - uma vez que o meu coração e não adiveinhou.

Fernando.

Oh! não me falte afirmar! - Perante a sua indifferença e impassividade, restava-me ainda animo para ficar impassivel e indifferente; perante o seu silencio podia callar-me. - Oh! não me falte afirmar, porque então não poderia mais!

Branca.

Oh! calla-te...

Fernando.

Fulga possivel, agora?... Por que me não deixam partir tranquillamente? - Oh! nada receio, obedeço; nada temo, que eu affastar-me-hei, se não amanhão, esta noite, logo! - Porém antes, saberá como

eu a amava santamente e ardentemente; sabia' que não tinha outra
alegria, outro ^{mais} conforto do que vê-la ao pé de mim, embora atura e in-
placavel! - Porque me insinuava que podia amar-me, se me não
amava? - Te novamente me acolhe... é a m'boa acção que o
devo - sei-o, sinto-o; - quiz testemunhar-me a sua estrema! -
A sua estrema! - a mim, que praticaria uma infamia para alcan-
çar o seu amor, embora fosse desprezado por todos - e amado somente
por Branca!

Branca.

Oh!

Fernando.

Mostrava-me submisso, e nada pedia. - Juro-lhe que havia partido
sem me queirer da sua aversão e do seu desprezo! - Há quatro meses
que só vivo para Branca. Ignora-o, pervertida! - Há quatro meses
que o coração ^{me} se despedaça a cada uma das suas palavras, e que morro
quando a vê callada! - Amo-a; Branca, amo-a, bem o sabe!
Porque me odeia então?

Branca.

Eu, odiá-lo? - Elle crê em tal! - É verdade, ^{repellia} ~~repellia~~ e
verdade, que tratava diariamente de afastar de mim - ~~mas~~ ^{mas} porém
sabes afinal, impôr-me o seu amor, praticando os mais generosos
e nobres rasgos!

Fernando.

Branca! oh! Branca!

Branca.

Quer-me então devias? - É pois, verdade que me quer, que
já' me não quer?

Fernando.

Que diz?... outa!... falla-me d'outa?

Branca.

Não o accuso, Fernando. - Quando á' noite se apartava de mim,
^{não} ~~amava~~ mais zangado, porém mais triste, que consolação era aquella
que ali encontrava? ^(pega junto do parilhão) Era então sem-
pre boa e affectuosa aquella cuja recordação evocava - aquella

cujas cartas lá depois de se apartar de mim ?

Fernando.

Oh! pois acedettera?...

Branca.

Então enganou-me; foi algum amigo seu que lhe escreveu aquellas cartas?

Fernando.

Não; foi uma mulher amada, e amavel mais do que todas; não, não se enganava. E foram aquellas cartas que a tornariam desconfiada ? e foram ellas que nos apartariam ? - Oh! (dirige-se de repente para o parietal) Vou mostrar-lhe as todas. Cartas de amor ! - São porventura minhas !

Branca (detendo-o)

Prohibo-lhe que vá buscá-las - !

Fernando.

Dúvida das m.^{as} palavras ? - adivinhos no seu olhar que duvida. (dá alguns papos) Não duvidará mais ! - E as cartas nunca me foram dirigidas ! haviam-me sido confiadas. Dize-lhe-hei...

Branca.

Diga-me sinceramente que me ama !

Fernando.

Branca !

Branca.

As suas cartas ! - Que me importam as suas cartas ! chamo-o !

Fernando.

Oh! é muito ! é muito !

Branca.

Fernando ! (depois de haver olhado) Meu pai !

Scena XIV

Branca, Fernando, Conde, Gabriella, Alberto.

Conde (a Fernando)

Está vivo, meu caro Sr. Le Moir; - tinha esta macha esperança de lhe chamar meu filho, - resta-me agora, unicamente

pedir-lhe, que me conserve o título de amigo - creia que não
terá outro mais devotado.

Fernando.

Su Conde !

Conde.

Estas contente, Branca ? Aquelles o quem prez o vas pouco a
pouco apartando-se de nós : hoje é o Sr. Le Moël, amanhã
será Alberto, - e em quanto tu fizeses sessas com Gabriella, bordan-
do e tocando piano juntas, ficarei eu sorrindo, ao meu canto, ou
papearei p^a sala sem ter um braço a quem me encoste. (ponta-se)
Socorria... que elle vai-se emborá !

Branca. (olhando ora p.^a Fernando e p.^a
o Conde; depois de uma breve

pausa)

Audivo o que dizes, meu pai ? Vá, vá, Fernando, oferecer-lhe
o seu braço.

Fernando

Ah ! (vai ao Conde)

Conde.

O que... que significa ?

Branca.

Significa - que não papeará mais sorrindo. Terá o braço
de um filho para se encostar.

Conde.

Minha filha ! - m. querida filha !

Gabriella (rindo a ella)

Ah ! Branca !

Alberto.

Então, que me digas eu ainda agora, meu padrinho ?

Conde (rindo)

É verdade ! Tu conheces as mulheres, já vejo.

Alberto.

Conheço-as - por informações !

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto Terceiro

Uma sala grande e rica; no centro uma grande mesa coberta com um pano e rodeada de cadeiras; mobiliário elegante, figuras, espelhos, portas ao fundo.

Scena I

Fernando, depois o Conde (vindo do fundo)

(Fernando está sentado diante da mesa, e põe em ordem os papéis collocados em frente d'elle.)

Conde (entrando pelo fundo)

Incommo do-o, Fernando?

Fernando (que se levantará á bulha de porta, levantando-se)

Por forma alguma, senhor Conde.

Conde.

O que?

Fernando.

Por forma alguma, meu pai... (sorrindo) Não me incommo da

Finalmente! Ah! que me comprehendi! - Contem a noite não the pude apertar a mão, por que se recolhem muito tarde! - Já todos haviam recolhido, aposto.

Fernando.

Nem todos.

Conde.

Ah! sim, sem sei - Todos, menos a longuinha de Gabriella! - Não era teatralia, p. meu amigo, que ella esperava com tanta impaciencia; era pelas encomendas de que o havia encarregado. - E se Branca velou igualmente. Foi para the fazer companhia; está' perdida de mimos aquella Gabriella! - Ora vamos a saber, o que fez em Paris durante estes dez dias?

Fernando.

Logo a' m. chegada, fui tratar das encomendas que a formosa

Gabriella me confiou, e aviar as cartas, cuja lista já tinha mandado antes da m.^a partida. Depois corri a abraçar meu pai... (estendendo a mão ao Conde) Outro! — Tinha-me escripto uma ou duas vezes depois que vim para aqui; elle já me julgava no fim do mundo, não sei onde; mas quando me viu tão alegre e soube deste casamento inesperado, providencial, marriagearam-se as lagrimas os olhos, e como eu M.^o narrava chorando, a meu pesar, abraçamo-nos affogados em pranto. — Ah! jamais arrastarem rostos de homens lagrimas tão doces!

Conde.

E' uma criança! Chora-se, porventura, nestes momentos? (limpando as lagrimas) Porque o não acompanhou elle?

Fernando. ...

Dizia; porém eu receio que o mais leve acaso the faça mal. Meu pai está velho. — Ahem disse encontrrei-o alguma coisa doente, e quando the propuz adiar a cerimonia, até ao seu completo restabelecimento, mandou-me embora mais encolerizado sem nada querer ouvir.

Conde.

A minha primeira noção será feita em sua honra. — E' um dever que se cumpre. — E Fernando considera-se feliz?

Fernando.

Muito feliz!

Conde.

Deusas?

Fernando.

Parce-me um sonho a m.^a vista. Fecho os olhos como uma criança que temes ser acordada de repente. Oh! sim, sou feliz — muito feliz!

Conde.

Póstras! Ora vamos, abra os olhos! — E' hoje ~~o~~ ^o ~~dia~~ ^{que} se assignam as escripturas, e é também hoje a cerimonia na igreja!

Fernando

Hoje!

E. maly.

Esta' na sala em que se ha de apijonar as escripturas.

Fernando.

Ерми.

Landy.

Aqui mesmo. — O Parisiense admira-se. ² Porque me não pergunta a que bairro vai casar? Lembra-se, porém, meu amigo, que habitamos a Forte, uma aldeia. Talvez que depois de procurar muito se depara com a maire, — não affanco. Contento-se em saber, que o seu maire ~~de Paris~~, Antão Renard, o melhor dos meus crendeiros, existe, e que ha de entrar nesta sala, ás onze horas em ponto. Todas as formalidades foram cumpridas, e uma vez que o senhor assigna, na sua presença, os registros ^{civis} da ~~cidade civil~~, quer na Forte quer em Paris, a lei não exige mais.

Fernando.

Não temo ser mais exigente de p'm a lei.

End.

Válah-mos isto! — A leitura das escripturas será feita com as portas abertas, na presença de quem quizer ouvir-a. — Vou despir-o, meu caro Fernando, mas não ha de ser por muito tempo. (depois de olhar para o relógio) Resta-lhe apenas hora e meia.

Fernando.

Para um preciso em tanto tempo?

Enche (indicando os papéis que estão em cima da mesa)

Exto.² — Eu não distinguo a letra, mas a sua disposição, o formato do papel, indicam que foram escritas por uma fêmea. —
Necessita d'algum tempo para as verer com attenção — e atirá-las
p.^o o lume — reflectidamente

Fernando.

Limitar-me-dei a fechá-las n'uma sobrescripta, - sem reflectir alguma,
jurro-the. - e a lacrá-las.

Ennde

Al. devolve-as? - No mesmo tempo, suicidaram-se; - questões de

moda !

Fernando.

Opus.^o

Conde.

Questas de moda ! — Oh ! os contrários da mocidade, as recordações esquecidas ao canto de uma gaveta, e que reaparecem a nossos olhos, por acaso, no momento em que menos se esperava ! Não se desculpe, Fernando, todos p' ahí passámos, p' que todos tivemos vinte annos ! O pai nada viu, — mas se quer um conselho de amigo, — queira !
(sahida falsa)

Fernando.

Transmittir o seu conselho, meu pai.

Conde.

Transmittit-o.^o Enganei-me então !

Fernando.

Não é sim. — Ha sete mezes, um dos meus amigos, Jorge Aubry, exilando-se de França, deixava-me, na manha mesma da sua partida, uma maço lacrado que me pedia de entregar em mãos propria á pessoa a quem era dirigido. Prometti fazê-lo. Na data p' elle indicada, no dia em que devia desempenhar-me da minha missao a pessoa a quem dizia respeito estava a morrer; quando me aproximei della, estava morta ! — Escrevi immediatam.^{te} ao meu amigo; — não obtive resposta. Escrevi segunda vez; — também não. O maço continuava a estar sempre ali em cima da mesa. Não podia mexer n'um papel, n'um livro, sem logo o ver apparecer como um enigma, como uma provocação — Corriam semanas; — e nada. Por um noite, pegando-the machucad^o, lembraam-me de repente as ultimas palavras de Jorge: "A pessoa, cujo nome e morada escrevi não é directam.^{te} interpretada nos papeis contidos no maço; mas ha de fazê-lo chegar á mão competente." Foi um raio de luz ! — Ah ! o maço — cartas — e mais cartas se espalharam em frente de mim ! Procurei a escriptura — procurei a data — não tinha data — inicias somente. — Li — ao acaso — algumas phrases n'umas — paginas inteiras n'outras. — Precisava de uma palavra, de um indice,

por mais leve que fosse — Naion o dia e eu lá ainda — sumiu-se o dia, e eu continuava a lê! — E eu que até ali só havia pensado no amor, para negar que existisse, eu, ^{quem o} ~~que~~ coração, desdenhava até ali das alegrias, dos extases da affeição mútua, parecia haveria pulsado por ninguém; eu finalmente que nunca tinha amado — amava, amava então! — Sentia-me como um amante novo e entusiasta, que lê, embriagado pelo seu primeiro amor, as cartas da ~~sua~~ primeira mulher que o prendera! Loucamente enamorado daquella espiro e d'aquelle coração, — amava, admirava uma sombra!

Conde.

Foi um romance que me contou?

Fernando. (indicando as cartas)

Ei-o, o romance! — Sentia-me transportado n'outra vida que nada tinha das fôrças nem das banalidades da nossa. E quando fui chamado a casa do Duque, quando vi Branca, pareci-me vêr a realidade de sonho em que eu vivia, pareci-me que devotando-me desde o primeiro dia aquelle ser immaterial para mim, era a Branca que o meu coração se havia devotado! — Aquellas cartas diziam-me: — atusa-me! — (rindo a si) Que me importam hoje? — Branca disse-me: — atusa-te!

Conde.

Seu rapaz, Fernando, não deve conservar-se mais tempo em seu poder; — mas como ha de fazê-lo chegar ás mãos do seu amigo?

Fernando.

Por sua mulher, que habita E'tampes, e que me offerece encaregar-se das de qualquer encomenda para elle. — Escrevia-me no momento em que entrou.

Conde.

Acabe pois, a sua carta. Enviaremos tudo logo que a tiver concluido. Acabe a carta, Fernando, receio que tenha p'ahi Branca.

Fernando.

Riccia?

Conde.

Meu filho, as mulheres que nos amam são zelosas, até de uma sombra.

Gabriella (no bastidor)

Estas na sala? - Anda d'ahi, Branca.

Fernando (a um movimento do Conde)

Sua filha pode entrar! (torna a fechar a escrivaninha)

Acto II

Fernando, Conde, Branca, Gabriella.

Gabriella (trazendo Branca p.^a mão)

Venha, venha d'ahi, m.^{te} senhora, para que a admirem!

Branca (com vestuário de noiva)

Não é a mim, lisonjeira, - é a tua obra que tu queres que admirem!

Conde.

A sua obra? (papa junto de Branca) Dou-te os parabéns, Gabriella!

(a Fernando) É um lindo vestido, não é? (indo abraçar a filha. A

Gabriella) Poderias estabelecer-te modista na Foz de Lisboa.

Gabriella.

Oh! eu só apresentei as idéas; aconselhei enfeites, e dei alguns pontos aqui e ali - Para que vixam: o meu papado era a enfermidade; hoje sou modista: exerce todos os officios! - O Conde Le Moël, não diz nada?

Branca.

O Conde Le Moël não se mostra nada maravilhado, prometto-te.

Fernando

Branca!

Gabriella.

A seus olhos sempre estás bem e bonita! É a verdade mesmo; - todavia, um vestido algum mesce, cicio, um cumprimento. Em primeiro lugar, eu acho-o elegantissimo; ouves? - E agora vamos-nos embra, que ainda não concluímos a nossa tarefa. E o vé? E o ramo? e a coroa, ou gralha - da formosura. - Anda, vem comigo.

Fernando (preparando a direita)

Notem que ainda gora entravam. (a Branca) Recorram mais cinco minutos! (dirige-se para a direita)

Gabriella (apoiada da porta, á direita)

O que?

Branca.

So' cinco minutos. ! (a Gabriella) Dá's licença ?

Gabriella.

Não, é muito, — é muito pouco; — concedo-te dez. !

Grande.

Dá-me o braço, Gabriella, vou mostrar-te o meu lupo; — porque também hoje deito lupo. ! — uma casaca preta, mas de um preto admirável. — Dá-me o braço. ! — (vem a direita, segundo plano).

Acto III

Fernando, Branca.

Fernando.

Agradeço-lhe, Branca, haver-me concedido o que lhe pedi.

Branca.

Não julgas que eu sabia a ganhar, sem lhe dizer nada. ? Eu ainda o não vi, agora é que vejo. ! — Bons dias, Fernando. ! (estende-lhe a mão) Tem alguma coisa para me annunciar ?

Fernando.

Tenho alguma coisa a supplicar-lhe, Branca. (fá-la sentar á esquerda)

Branca.

Oh ! tanto melhor : obrigada, Fernando. — Um grande serviço, talvez. !
Cham-a. !

Fernando.

Branca. !

Branca.

Dessia o resto. ! — Eu queria. — Porém, que foi. ? — Lá me não ama. ?

Fernando.

Do fundo d'alma. !

Branca.

Agora falle, que nada tenho a temer. — Sabe que ha muito tempo, que está ausente. ? Aparentamos-nos na manhã seguinte ao dia em que meu pai lhe chamava seu filho pela vez primeira, e só tinham, tinham á noite, nos reaparecer. ! Dá-se p' feliz, Fernan-

do, que o seu coração ~~mas~~ seja daquelles que não mudam, uma vez
que meu pai resolveu que o nosso casamento se effectuasse irrevogável
e ~~selm~~ na data que elle-mesmo fixou.

Fernando.

Foi a resolução de seu pai, Branca?

Branca.

Bem sabe que estou perdida de mimos e que elle nunca teve senão
a m. vontade. — Esperava-o com aquella impaciencia sempre
que é a propria dos corações sinceram^{te} cheios de confiança; não cho-
rava contando as horas que estavamos apartados; contava, sorrindo,
os dias que iamos passar juntos. — Não choravam; as lagrimas
criaram-se para aquellas que dizem: — Voltará' elle? — e o meu
coração sabia que Fernando voltava!

Fernando

Chujo da m. vida!

Branca.

Simha porém, que me fallar em negócios muito graves. — Diga
então depressa, depressa. Olhe que si' me restam tres minutos!

Fernando.

Minha querida Branca, meu amor! — arrebatou-me para tão
longe da terra com as suas meigas e feliceiras palavras, que trevo
de buscar a ella. — E de que me vou eu fallar? — de escripturas
e dinheiros! — tudo-prosa? O meu poeta adorado, perdoa-me!
(ajoelhando.)

Branca.

Fernando!

Fernando.

Compreenda bem o que lhe quero, e que de joelhos lhe imploro! —
D'agora ^{uma} ad'hora estaremos casados, quer dizer, sereamos um de outro
para sempre. — Hei de levá-la para longe deste reço e desta
solidão, lá' para aonde eu combato e onde lieto, eu, e Homem
polu, a quem se dignou tornar um Homem feliz! — Mas quero
levá-la também! — Este luxo que a rodeia, quero que o deva
unicam^{te} ao meu trabalho; quero que a menor das suas fantasias,

que estas nadas que embellezam as mulheres amadas, sejam comprados por mim. — Apontar-nos-hei os d'agua de mais d'ades, por um varias! Reflecta antes de responder, antes de aceitar, Branca; parem seja qual for a sua resolucao, juro-lhe respeitá-la, e conformar-me de todo, — ou serei rico por sua causa, — ou si' recebera de mim a Felicidade.

Branca.

A minha resolucao! Esquece-me já que o amas? É a minha resolucao que espera? Se eu consinto em abandonar alguma riqueza, a ter menos dinheiro, é isto que me queria perguntar? — Ah! Fernando, — é si' isto!

Fernando.

Branca! Branca! — pense em que já nada tem?

Branca.

Abenturo! Tenho o seu amor! — A minha vontade será sempre a sua, em tudo; será o senhor; ame-me, Fernando, ame-me, com affecto inalteravel; eis a unica riqueza de que preciso!

Fernando.

Ah! Branca, pois quer?

Branca.

Quero que Gabriella não me valha. Repariam os dez minutos! — Vamos, diga adeus a' filha do ^{seu} Conde de Valmeril!

Fernando. (candendo a a' porta)

Fico á sua espera, m. senhora.

Branca.

Ah! Fernando! Contem, era sincere meca; — Hoje, sou feliz! (Sai a direita, primeiro plano)

Acto IV

Fernando, Alberto, depois Baptista.

Fernando.

Minha mulher! Vai ser m. mulher! — Vou restituir-te as tuas cartas, meu caro Jorge! (Sentando-se diante da mesa, e percorrendo os papeis.)

Alberto (entrando pelo fundo)

Podes entrar?

Fernando.

Ah! és tu? - Lapa, que elegancia! gravata branca, casaca preta,
^{casaca}
e nova!

Alberto.

Nova! Faz esse effeito, de dia; - é o numero 4.

Fernando.

Tu pões-lhe numeros? (em quanto Falla, mette as cartas no
sobrescripto e lacra &c.)

Alberto.

Sempre: tenho-as penduradas por ordem de idade, e cada uma
dellas tem o seu uso especial: - N.º 1, casaca de sarau, pouco justa,
cavos largas, o que permite enlaçar com graça o par; - N.º 2,
casaca de enterro, alguma coisa apertada, os cavos peguena, o que
dá um ar triste; - N.º 3, casaca de negueiros, muito larga, grandes
bandeiras que se abtoam, o que dá um ar grave; - N.º 4, casaca de ca=
samento, muito justa, estofada nos sitios convenientes e desenhando
as formas, depois de as haver corrigido, o que dá um ar de novo!
(exclamando - e) Bem? que desenho! - Nem olha para mim?
Outra vez? - Podes gabar-te que remocaste admiravelm^{te} nestes
quinze dias!

Fernando (levantando-se e indo a
Alberto)

Não é gatin?

Alberto.

Remocou-te a felicidade!

Fernando

Santo-me com vinte annos, Alberto! - É a m^a sociedade que
principia! - E quando vejo, no meu papado, o Fernando de
Chantem, grave, pallido, escrevendo, procurando, misturando, - qua=
si que não reconheço - este rapaz vestido de preto - que se pa=
rece comigo como um irmão. - (levantando-se) Eu, Alberto,
que nunca cetera sentas Richard a fallar em Abusset! - Olha,

38
parece que tudo me anda á vista diante dos olhos, parece que
estou embriagado!

Alberto.

E' a alegria que te sobe á cabeça! — Comprehendo estes abalos, este
transtorno completo da tua vida; mas tinhas reservado lugar ali para
o amor.

Fernando.

Porém abriu-se agora! — Podia acaso crê-lo antes de vir aqui?
Podia esperar que tal sonho se realisaria? — Se Branca não
tivesse d'aqui sahido ha um instante — podias vir-te, Alberto,
— ainda o não acreditava. (sentando-se á esquerda) E tu, Alber-
to, vamos lá a saber; não ~~proponhas~~ tratas de te casar?

Alberto.

Não!

Instituto Politécnico de Lisboa

Fernando.

Ah!

Alberto.

Já achei mulher.

Fernando.

Aqui?

Escola Superior de Teatros e Cinema

Alberto.

Lá fora, — na m. ultima viagem.

Fernando.

E não digas nada? — E' entao serio desta vez? — Já me não fio?
E' pelo menos, o decenio casamento que projectas?

Alberto.

O decenio! Boas contas fazes! — E' o vigesimo — e o ultimo.

Fernando.

Bravo! — Um casamento d'amor, apostas? — Ha muito
tempo que conheces a tua noiva?

Alberto.

Si' me fallei duas vezes! a primeira foi n'uma reunião intima.
Ella offereceu-me uma chavena de chá: gosta de muito apurucar?
— Abonto apurucar, m. senhora — E que leite? — Uma lagrima,

m. senhora!" A segunda vez, foi n'uma reunião intima. Elle
offereceu-me... — Desconfio que havemos de ser felizes!
Fernando (levem^{te} reprehensivo)

Alberto!

Alberto.

O que é? Eu não sou um homem romanesco! Não me caso
p' que amo; caso-me p' que tenho trinta e cinco annos, e porque
cumpre ser casado nesta idade, quando se é homem de bem, —
assim como cumpre recolher para casa ás onze horas, quando
se é cidadão pacifico.

Fernando.

E quivalia a dizer que fazes um casamento de conveniencia e
dinheiro?

Alberto

C'ploramos! Tal qual, um casamento de dinheiro, ou eu quero do
Fernando, — e com diversas esperanças que habitam a provincia.

Fernando

E a idade?

Alberto.

A idade das esperanças! Setenta e cinco, setenta e oito e noven-
ta! Não direi que me afogaria em um typho nos primeiros seis
mezes, mas... — creio que havemos de ser felizes!

Fernando. (levantando-se)

Pergunto-te a idade da tua noiva?

Alberto.

Perdê! Oh! é moça, muito moça! — e bonita, e pratica! —
Quer teite no chá, meu senhor? — Uma lagrima, m. senhora!" Quem
tu de certo a conhece de nome? Elisa Didier, a filha de um dos
mais ricos e mais orgulhosos capitalistas de França. — Parece que
sahio da toca de Júpiter! — Ainda não chegámos ao tempo
de casar com toda a familia — mas áh! de tempo, tempo vem.

Fernando.

Eu senhava taty para ti outro casamento, mas como já es-
colhestes, a m. amizade deve presenciar-te satisfeita. — Já par-

Reipaste as tuas intenções ao Sr. de Valmeil?

Alberto.

Oh! eu ainda não estou tão adiantado como ipse! — Espero as suas respostas.

Fernando.

As suas respostas! — Respostas, de quem?

Alberto.

Das meus cinco amigos! — Oh! tu não me pides comprehender, p^r que na Escola de Medicina, nunca tiveste senão collegas!

Fernando.

Entre collegas e amigos: — não vejo a differença.

Alberto.

Pois é enorme! As ^{tambem} ~~responderias~~ se te mostrassem um chapéo preto e um chapéo branco: — Não vejo a differença? — É a fortuna, é mister vê-la! — Um amigo, é um collega que sente por nós intima affeição; — um collega, é um amigo que não tem por nós a mais leve sympathia.

Fernando.

Sei que é moda hoje tratá-los severamente; mas p^r mais que digam, — os collegas têm sua utilidade.

Alberto.

Tambem as expediençias são uteis! — Eu tenho ^{tu} cinco amigos, mas nunca fiz nada, nem farei, sem os consultar. — Ipe dixit. Fernando, a este modo de comprehender a amizade?

Fernando.

Que hei de eu dizer? enficistaste-me com os amigos a quem não consultas!

Alberto.

De quem é a culpa? Sempre te abstiveste escrupulosam^{te} de me aconselhar, — e neste século de accionistas, os conselhos, meu Fernando, são o dividendo da amizade. Exemplo: Ha tres mezes quize eu comprar certo cavallo ha m^{to} tempo cubado; condisse os meus cinco oraculos a casa do picador Latry: apresentáram-nos um sobrado fazão. — Vejão, lhes disse eu, exanimem! Latry pediu-me

tres mil francos, offereci-lhe dois mil e quinhentos e elle vendeu-o.
Devo comprar? " Os meus amigos depois de terem examinado o
cavallo p' todos os lados, - p' que sao entendedores - responderam em
caro: "Podes comprar."

Fernando.

Compraste?

Alberto.

Danno papado, mesam propoz-me a compra de uma bonita cari-
nha em Autemil. Junto o meu conselho, e, apesar da barateza
do preço, todos declaram que não devo comprar. A casa está mal
situada, - é humida... doentia; - era uma ruína de rheumatismos,
- finalm^{te} toda a ladamilha de estylo.

Fernando.

Estas compraste?

Alberto.

Compree logo, - e que me tinha custado vinte mil francos ven-
du^{to} me ~~sota~~ ^{quarenta} mil, - seis mezes depois a casa tendo sido expro-
priada por motivo - d' expropriação. - Resta o cavallo! Elles tinham
dito: Compra. - Deixo o cavallo na cocheira de vender, e no
dia seguinte abra elle um garcito no meio dos Campos Elipsios - Que
tal! - Ninguém tentou um principio invariavel: - Nunca facas
coisa alguma sem primeiro consultares os teus verdadeiros amigos;
mas - para fugues totalm^{te} o contrario de que elles te aconsel-
havam. - E por estas duas pequenas amostras has de convir
que me não tenha dado mal até hoje.

Fernando.

Ora adeus, estas graciejando comigo! - Que buensa!

Alberto.

Chama-lhe o que quizeres! - parem, ~~tenho~~ conheci tantos
homens de juizo ~~fazem~~ que tinham sacrificado a sua existencia, -
- que se me metter na cabeça não se os dadas era mais felizes; -
e heide levar a prova até ao fim. - Se o meu tribunal, que
me indaei consultar responde: - Casa-te, - fics solteiro; - se me
responder...

Um criado (entrando p.^o fundo, com uma bandeja na mão)

Cartas para o Sr. de Bléziens.

Alberto.

São m'as! (Criado sai) Repara: - N.^o 1, - N.^o 2, - N.^o 3, - N.^o 4 e - N.^o 5.

Fernando.

Mais um numero que o das casacas! - Ventas? - Compreendo, a commoção.

Alberto.

E' a commoção, e', - e o demónio do laço! Ah! (lendo a primeira carta que abriu) "Aben caro amigo, Clara Didier, ama-te," (pegando na segunda carta e lendo) "Pois tu ventas?" (Tercera carta, o mesmo) "Se eu me visse na tua situação" (Quarta carta, o mesmo) "Estava casado" (Quinta carta, o mesmo) "Esta mesma noite!" (depois de haver lido) Unanimidade! (Vai á mesa, pega n'uma pena e n'uma folha de papel, e vai começar a escrever.)

Fernando.

Alberto!

Escola Superior Alberto (escrevendo)

"Aben caro Sr. Didier, e' com o mais profundo sentimento..."

Fernando.

Mas olha que não tens razão para lhe dar?

Alberto.

Nenhuma, e' verdade. - Dizei que por motivos de família.

Fernando.

Ah! logo.

Alberto (escreve)

E' com o mais profundo sentimento... (Dedica-se a escrever a carta, sem dar attenção aos outros personagens. Baptista entra)

Baptista.

O Sr. Conde manda perguntar ao Sr. Lerroil, se está pronta a encomenda que ha de ir hoje á noite para Estaripes?

Fernando.

E' o Sr. Baptista que a vai levar. ?

Baptista.

Não, senhor, — é o criado de quarto de Henrique.

Fernando.

Esta' bem ! — eu lhe vou falar. (saí pela direita)

Alberto (continuando)

" Que por motivos de familia "

Scena V

Alberto, Baptista.

Alberto (sem levantar a cabeça)

Baptista !

Baptista (arranjando as cadeiras, á esquerda)

Srs de Bleziens ?

Alberto.

Espera, que tenho uma carta para o correio !

Baptista.

Ah ! Sr. de Bleziens, que grande dia ! o paiz está todo aborrecido com o casamento — Ahem clipe, a philharmonia da Feste' ha de executar trechos escolhidos.

Alberto.

Ah !

Baptista.

Não ha nada mais brilhante ! — Os philharmonicos são ...

Alberto (escrevendo)

São os guardas nacionaes da musica.

Baptista.

Ah ! — Depois, um baile que ha de ser esplendido, a julgar p.^{los} nomes dos convidados) Quer V.^{ra} Ex.^{cia} ver a lista ?

Alberto.

Ligo ... mais tarde. — Agora, bem vê ...

Baptista (contemplando a lista)

Os mais bellos nomes da França ! a alta aristocracia ! — Ha de vez em quando suas manchas — burguezes — milhonarios —

O maior numero, poram. (Lendo) O Sr. duque de Strelles, o Sr. Marquez de Blavignant, o Sr. Riburg. - Não conheço. O Sr. Gervier. - Também não conheço. - O Sr. Conde de Montornel. - Ah!

Alberto.

Aqui está. (levantando-se) Baptista. (observando) Foi-se embora! (aproximando-se.) Sr. Baptista.

Baptista.

Olá senhor.

Alberto.

Que bella noite. (indicando a lista) Todos estes nomes para annunciar... e demais as gratificações dos noivos, dos padrinhos... não é aqui?

Baptista.

Venho a rocher por tudo com escudos - já fiz o calculo.

Alberto.

Com escudos. Que tal? Pelo que vejo, a casa é boa?

Baptista.

Admiravel, meu senhor; - E isto tambem espero cedi poder ir viver para o estrangeiro, se alguma terra pequena, onde ~~tenha~~ compre o direito de usar uma particula antes do appellido e um titulosinho. Faço p.^a p.^a fin. economias, e tendo começado por criado, - acabarei por homem de bem.

Alberto.

Quero poram, que tentas conciliar ambas as coisas.

Baptista.

Isso é impossível, meu senhor.

Alberto.

Impossível. - Ao menos, é franco. - A que chamas tu estas honras de hum?

Baptista.

A um homem nobre.

Alberto.

Seus raios, meu amigo. - Recorre tu amados deitar esta carta no correio.

(Baptista cumprimenta e sae)

Scena VI

Alberto, o Conde, o Abair, e S^{rs} de Villiers, depois
Fernando, Branca, Gabriella, depois aldeões, aldeãs,
o Doutor Michelini, criado.

Conde (entrando com o maire e o S^r de
Villiers; ao maire)

Chegam com antecedencia, meu caro Renard; mas ninguem se queira ar-
(a' testemunha, apresentando Alberto) S^r de Villiers, apresento-lhe
meu afilhado, o S^r Alberto de Bléziens, (ambos se inclinam) nossa
segunda testemunha.

Alberto (ao maire)

Bons dias, S^r Renard.

O maire.

S^r de Bléziens - (Apertam as mãos - Um criado traz os registros
civis que põe em cima da mesa)

Conde: (ao criado)

Abra as portas todas! (O criado vai abrir as tres portas do fundo)

Ah! meu caro Renard; - Senhor maire, apresento-lhe meus filhos!
(Fernando entra pelo fundo; o Conde vai ao encontro de Branca;
Gabriella entra pela direita; inclinam-se todos p^{re}stando pela frente
do maire. - Sentam-se todos. Gabriella está ao pé de Alberto)

Maire.

Quem são as testemunhas, S^r Conde? (Os criados e Baptista
apparecem)

Conde

O S^r de Villiers, o S^r Alberto de Bléziens, o S^r doutor Micheli-
nini e eu.

Fernando: (ao maire).

O S^r doutor Michelini, foi chamado a toda a pressa a Favrelles,
mas promette estar aqui de volta para assignar as escripturas. Per-
me, que o desculpe. (Fernando vai ter com Alberto; Branca
e Gabriella vão ao fundo cumprimentar os convidados e vem
deser a' esquerda. Os aldeões e aldeãs apparecem no fundo.)

Conde.

Senhor maire. (fal-o sentar ao pé da mesa, á esquerda direita)
Baptista! José! trajam cadenas! - depressa. (a Branca) Vamos,
m. filha! (fal-a sentar) Fernando?

Maire (sentando - de novo a mesa)

Quisam sentar-se.

Alberto (fal-o a Gabriella)

Escuta com attenção.

Maire.

Todas as formalidades necessarias havendo sido cumpridas, todos
os documentos que se reclamavam havendo sido apresentados sem que
nenhuma opposicao appareça a este casamento, - uma vez que cumpre-
com os direitos e deveres que traz esta uniao, queiram responder. (Os
noivos levantam-se) Em primeiro lugar, Andre' - Fernando Le Moel,
aceita por sua esposa Maria - Branca de Valneuil?

Fernando (inclinando-se)

Sim, senhor.

Maire.

E Maria - Branca de Valneuil, aceita por seu marido Andre' -
Fernando Le Moel?

Branca (inclinando-se)

Sim, senhor.

Maire.

Está bem. Em virtude dos poderes que a lei me confere, declaro - os
desde hoje ligados pelo casamento.

Alberto (a Gabriella)

Guarda isto na memoria: - A mulher deve obediencia ao seu
marido!

Gabriella

A mulher é que deve, - porém o marido é quem paga!

Maire.

Convido-os agora, apriem como os seus parentes e testemunhas, a
apigmar a escriptura lavrada nos registros. San Le Moel, aqui
está a penna, apigue! (Fernando atravessa ao theatro, pega na
penna e apigna successivamente os dois registros.)

Conde (abraçando Branca)

Querida filha!

Fernando (depois de haver apigado, apressen-
tando a pena a Branca)

E' a sua vez, Branca! (Musica - Branca incaninhba-se p.^a a
mãe, apigava e sotia a Gabriella.)

Fernando (à parte)

Branca! - Esta lettra? e' impossivel!

Mãe.

Sin Conde, meus senhores! (O doctor Michelini entra pelo fundo.)

Conde.

Aproximo-se, meu caro senhor Michelini.

Doctor.

Teuto mil perdões a pedir, Sin Conde. (Cumprimentos e vai
apiguar)

Gabriel.

Todos apigavam, Branca, - excepto eu. - Não se abria nada
tentio por fazer! - Porém, ouves aquelles sons? Lá na igreja
poderei rezar pela tua felicidade!... e então apigavaria.

Conde (ao mãe)

Renand offerece o seu braço á senhora LeMoit; Alberto a Gabriella!

Vamos, Fernando, vamos, meus senhores por nos esperam na
igreja! (Todos se incaninhavam para o fundo. O mãe á frente,
dando a mão a Branca; Gabriella de braço com Alberto, depois o Sin
de Villiers e o Conde.)

Fernando (si)

Não... ainda outra vez, não! e' impossivel! - esta lettra... (come
aos registros) E todavia não me engano! - e' a mesma lettra! (Mem
bucan os registros) - o caracter e' o mesmo. (com desesperação) Não

me engano, portanto! - Estas cartas! Seria Branca quem as
escreveu? - A mulher abandonada p. Jorge, seria Branca?

Branca, sua amante! - Ah! eu enlouqueço! eu enlouqueço!

(cão prostrado n'uma cadeira)

41

Acto Quarto.

Otheatis representa um gabinete: porta no fundo, portas lateraes, segundo plano a' direita e primeiro plano, esquerda; janella, primeiro plano a' direita; fogão, segundo plano, esquerda; canapé a' esquerda; candieiro acceso em cima do fogão.

Cena I

Branca, Elbancellina.

Elbancellina (fechando a janella)

Sim, m. senhora, são as ultimas carruagens que se affastam. — Que magnifico baile!

Branca (vendo Fernando.)

Fernando! — Vai-te, vai-te embora! (Elbancellina sai pela esquerda, primeiro plano.)

Cena II

Branca, Fernando (unido pelo fundo)

Branca.

Verba, senhora, meu senhor, que lhe quero ratificar! (fál-o sentar a' direita, e senta-se m'um tamborete ao pé d'elle.) O que é isto? em toda a noite nem uma palavra me dirigio, nem quasi um olhar? — Note, que lhe não pude dizer uma unica vez quanto era feliz, quanto o amava! (vendo-lhe a pallidez) Que tem?

Fernando

Eu? — Nada. (desvia a cabeça)

Branca.

Nada, — e desvia os olhos de mim!

Fernando

Certifico-lhe....

Branca.

Oh! eu sei ler nos seus olhos! e elles nunca mentam. — Que tem, Fernando?

Fernando.

32
Que posso eu ter, Branca? - Acaso não sou também feliz? - Tudo
quanto eu desejava, e ardentemente desejava, não se realizou?
Tem porventura, o meu coração mais alguma coisa a pedir, hoje
que é m.^a esposa, - hoje que a mulher respeitada por todos, a mulher
pura e leal...

Branca.

Como dig' isto?

Fernando.

E Branca, - hoje que nada já' nos pôde desunir - hoje, que usa
do meu nome; - não tem nada que me dizer?

Branca.

E tu, Fernando! - A que proposito?

Fernando

Não tem confidencia alguma a fazer-me? - Aquelle padecimento
com o qual eu luctei a' sua cabeceira, aquelle mal que eu soube vencer,
foi uma causa physica que o produziu? - Não era o seu coração,
mas era o seu coração que padecia?

Branca.

Fernando... o que se passa em si?

Escola S. Fernando. Teatro e Cinema

Não guarda no seu coração algum segredo ha muito tempo ali
enterrado? - As mulheres não sabem ás vezes quem têm de con-
fiar as suas penas. - Branca, tem alguma confissão a fa-
zer-me?

Branca.

Uma confissão? - Se os culpados é' que fazem confissões!

Fernando

Repeto, Branca, tem alguma confissão a fazer-me?

Branca.

Se a tirada, bem sabe que não haveria acubado o seu nome. - Não
estaria hoje aqui sorrindo com o doutor, - se fôr a outra culpada.
Mas não o comprehendendo, Fernando! - Porque razão me interro-
ga assim, de repente? - D'onde procede esta desconfiança, Fer-
nando?

Fernando

Branca, elle tem para mim. - Ahim, nada me escandera'. - mas ha coisa alguma no meu passado?

Branca.

No meu passado!

Fernando.

Responda.

Branca.

+ Ha lagrimas, Fernando!

Fernando.

Lagrimas! - Que chorava ^{pois} ~~exaltava~~?

Branca.

A confiança trahida! - e ella chorava-me o desenganho da vida.

Fernando.

Então não me enganava eu!

Branca.

Padeci muito; - não se enganou, Fernando.

Fernando.

Venho pedir-lhe contas de seu padecimento: - falle! Preciso saber cada um dos seus pensamentos, cada uma das suas acções... falle, quero que falle, quero.

Branca.

Tudo sabei! - O que um dia, mais tarde, em the Gavio de marraz encostada ao seu braço, Fernando, - sabi-o - ha ^{esta mesma} ~~para~~ morte ~~necessaria~~, também eu quero, agora que, sem razão, sem motivo, olvidou de mim.

Fernando.

Falle, falle!

Branca.

Fiquei livre muito moço. Morinha mãe morreu; meu pai depois de alguns mezes passados no mais absoluto isolamento, voltou depois aquella vida activa e bulhante, que uma grande dor poude interromper um instante, mas não julvar para sempre. Partiu, deixando ao pé de mim, como mestra e governante, uma senhora que

Mãe fora vivam^{te} recommendada - chamava-se, Laroché. (a um movimento de Fernando) Fernando! (ella puz levantar-se)
Fernando (detendo-a)

Continue!

Branca

Os primeiros annos passavam-se sem que eu tivesse a consciencia da m^{ãe} solidão; a nossa vida de familia tão dolorosa^{te} interrompida, havia durado muito pouco para deixar profundos vestigios nas m^{as} recordações de infancia. Uma das antigas discipulas da M^{ãe} Laroché, enviou-me um dia, um dos amigos da sua familia, que desejava, dizia elle, confiar a educação de sua filha a uma pessoa respeitavel que M^{ãe} indicasse. Quando elle se apresentou em casa, estava eu sozinha; tive de o receber, e elle pediu-me authorisação para vir buscar no dia seguinte, a resposta da M^{ãe} Laroché, á carta que o recommendava.

Fernando.

Ah!

Branca (apenando-se)

No dia seguinte, - depois de ter lembrado o fim da sua visita - travou conversações a respeito de m^{ãe} pobre mãe, que elle tivera a felicidade de conhecer na sociedade; recordava-se, apesar de muito incoⁿveniente, dos saíes em que se M^{ãe} tornaria notavel, pela entusiasta admiração que rodeava a sua elegancia e formosura. 'Minha mãe!' nunca me haviam fallado n'ella, p^{or} tanto tempo, com tanto interesse, e tão respeitosa amizade, e, em attenta aos mais leves promoveos, agradeci no fundo do meu coração, aquell' que, ensinando-me a conhecê-la melhor, me obrigava a chorá-la mais. Foi como um laço entre nós. Não podia ver um estranho, um indifferente no homem que tinha evocado tão deliciosam^{te} as minhas mais queridas recordações. Elle votou, Fernando, e eu recebi-o com a m^{ãe} de confiança como que o haveria recebido diante de meu pai; - e insensivelm^{te}, habituada a estas conversações fraternas, em dia que elle me escreveu, p^{or} desculpar a sua ausencia, peguei na pena e respondi M^{ãe}. (movimento de Fernando) Seguiram-

de mais cartas e novas respostas. — Que contructam ellas? — As vagas inquietações do momento; as aspirações de uma criança, entregue a si-mesmo, que busca um amparo e dá, p'uma palavra de affecto, a sua amizade inteira. — Tornei a vê-lo mais triste; uma catástrophe imprevista o ferira; era forçado a sair de Paris por alguns dias. Fy-lhe então innumeras perguntas: passio a dar-lhe sem made confessar, mas tinha os olhos cheios de lagrimas ao partir. Que se havia passado? — Não recebendo mais noticias d'elle, e sabendo que continuava a estar ausente, pedi a Sr. Parocho que me acompanhasse, e levando a carruagem á porta que eu tinha designado, apreei-me juntamente com ella e fui tocar a campainha ali andar que nos indicariam. — Um criado veio abrir-nos: estava em casa d'elle.

Fernando (levantando-se)

Acabe!

Instituto Politécnico de Lisboa

Branca.

Não havia estremecido ao dar semelhante passo: — as almas boas são valerosas! — Corri todavia sob o olhar do criado, que eu não me atrevo a olhar! — Porém necessitava a explicação daquelle ausencia e daquelle tristeza subita; o meu affecto exigia uma certeza, — entrego-lhe o criado! — Seu amor tinha chegado naquella manhã; os seus pedimentos que lhe suggeriam a necessidade do lucro, tinham-lhe levado a ruina, e fora expulso de Paris p'os agrotas que diariam a perseguir. Foi um casamento podia restituir-lhe a riqueza, — e naquella ^{me} instantaneidade em que fallavamos, devia alcançar a mão de uma herdeira rica, de quem tinha a honra em seu poder! — Sabi, como louca a m. casa! — Elle esperava-me — A herdeira — era eu! (Fernando passa d' esquerda) Fernando! Fernando! aquelle homem tinha pedido-me authorisação para o nosso casamento! e se eu me ~~caso~~ casasse, ameaçava-me de entregar as m.^{as} cartas, de se unir, finalmente! — Vingar-se? — da amizade que eu tinha sentido por elle, da estima que eu lhe havia testemunhado!

Fernando.

Acabe! acabe!

Branca!

Tremula, indignada, com um gesto, ordenei-lhe que saísse. — Ah!
Fernando, via-me simba em frente desta dor. E Senhora
Laroche, apunhada pelas consequências da sua imprudente confiança,
partira. Abandonava-me e em pieva simba! — Aos vinte
anos, já fatalm^{te} desconfian de qualquer affeição desinteressada,
p^r haver tido q^ue n^um^a affeição mentirosa! — Crêa n^um^aquelle homem,
escrevia aquelle homem! — Esta idea atormentava-me a vida,
esta recordação rasgava-me a pedação e corações. Mostrava-me
a desgracia, a t^rat^oz, morrer, quando Fernando surgiu á mⁱ.
cabecera. — Compreende agora o meu procedimento a seu res-
pecto? Ah m^{as} hesitações, os meus receios, que a sua persisten-
cia nunciam, porém que a nobreza do seu caracter dissipá-
ram? — Fernando! — Pois que? — Nem uma palavra? Nada!
nada! — Duvida ainda; duvida das m^{as} palavras, da minha
sinceridade? — Todavia, eu digo-lhe tudo. Fernando, não res-
ponde? — Aquella amizade fraternal era então um erro? —
Acaso fui realm^{te} culpada, escrevendo? — Quem n^o havia de
dizer? — E' mister lamentar aquellas que jamais tiveram na
sua infância, uma mãe vigilante, aquelle anjo da guarda que
vela e lucta; o meu anjo, abandonou-me, — rodeavam-me
muitas peccas que me serviam, quanto então me bastava uma
que me guiasse deversas! — Ah! Fernando, se commetti um
erro, padeci muito, perdoe-me! Se fui culpada, aqui me-
ten de joelhos, esga-me! — Ah! a sua mão esbalda em febre!
Fernando.

Estava ainda agora gelada. — Nunca padeci tanto em toda
a mⁱ vida — Não. — Deus nunca infligiu uma dor ta-
m^{com}mbã aquella que eu senti, ouvindo-a — Levante-se!
Branca (levantando-se)

Fernando!

Fernando.

E quer que eu lhe perdoe? (levantando-se) Uma só pala-
wa, e será satisfeita a sua vontade! Que eu lhe perdoe?
E perdoar-me — ha elle, todas as promessas que trahi^u, ca =

44
sando corrigo, — todos os juramentos que esqueceu ?

Branca.

Juramentos, si' Fernando os recebeu de mim.

Fernando.

Ath. — que continham entao as suas cartas ?

Branca.

Já lhe disse, Fernando. Nada de que eu tenha de corar.

Fernando.

Nada ! — e era na entrega dessas cartas que elle fallava ! — Nada ! —
E a senhora teve medo !

Branca.

Medo, eu ! — E' realmente o senhor que me fallava assim ? — Ath. —
cartas... — Ath. — era dinheiro que elle queria em troca ! — Eu sou rica !
Essa riqueza que o seu rejectou, pois bem, dar-lhe'a — hei intenção,
e é a mim que elle as restituirá, — as ~~de~~ antes ao senhor.

Fernando.

Branca ! — e se esse homem se arrependeu ? — O silencio delle prova-o.
— Cre que elle as entregará facilmente ? — Amava-a ! — Não, não,
eu me encargo de lh'as pedir. (sôbe)

Branca. (seguinte - e)

~~Fernando~~ O senhor ?

Fernando. (continuando)

E se elle recusar...

Branca.

Ath.

Fernando (depris de pausa)

Insisterei.

Branca (vivam^{te})

Ath. — quer bater os ! — Vejamos, é uma experiência ? Olhe bem
para mim. Não me cê culpada, — não pode crer-me cul-
pada ! — Quem me obrigava a fallar ? — Porque lhe escondes-
sia alguma coisa, uma vez que lhe podia esconder tudo ? Ath. —
Fernando, não me quer de certo punir como d'um erro o haver
sido franca com o senhor. (lentamente) Fernando !

Fernando.

Era assim que o implorava, não era?

Branca (afastando-se - lhe da mão
que leve aos lábios.)

Fernando!

Fernando.

Era assim que também o supplicava, não era?

Branca (iluminando)

Ah!

Fernando.

Não responde?

Branca.

Fiz-me muito mal, e eu perdou-me.

Fernando.

Não responde? - É uma certiga que eu quero, seja qual for,
prefiro-a a esta dúvida que me mata, não vê? Quero
saber toda a verdade, - e se ainda m'a recusa...

Branca.

Fernando!

Escola Superior Fernando (subindo) Cinema

Quero m'a dar!

Branca.

Fernando!

Fernando

Este. - Ah! impallidez!

Branca.

Impallidez, sim. - Quando dois Homens se collocam assim
frente a frente, é mister que um d'elles morra. - Pois é
verdade, tremo! - Ah! - porém o senhor ignora - lhe o nome?
Eu não o pronunciei! não o pronunciei, - e não o saberá!

Fernando (com triste sorriso)

O nome d'elle?

Branca.

Não o saberá! (Muito silencio - Fernando apresentando-lhe

48
as cartas) As minhas cartas. ! (cabendo no canapé) Ah! elle mandou - Ah! ah! !

Fernando.

Aquelle a quem as dirigio era, ha um instante amada, o meu melhor, o meu unico amigo. !

Branca.

Seu amigo - aquelle miseravel. ?

Fernando.

Aquelle miseravel, - seu amante. !

Branca.

Meu amante. !

Fernando.

Escute. ! (lendo) - " Que motivo tem esta ausencia ? - Porque partio haitem tao depressa, meu amigo ? - D'onde nasceu essa tristeza subita que o opprimiu ao deixar-me ? Não m'a dirá ? Espera que eu a advinhe - Ah! a minha pobre amiga des conhece inteiramente esse mundo em que vive, e chora as suas ^{suas} lagrimas que chora, e o que lhe resta para o ^{soccorrer} e consolar. - Padeço. ! Que hei de fazer ? Vou entao definihar-me aplain lentamente e visinha ? E' morrer depressa para quem tao pouco viveu. ! "

Branca (m'um grande brado.)

Ah! Fernando. ! esteu innocente. ! (O dia vai apparecendo gradualmente e espalha-se pouco a pouco pelo quarto. Distinguem-se já' através dos vidros da janella, as aureas do pasper, que os primeiros raios do sol illuminam.)

Fernando

Branca. ! - Lia esta carta quando me vieram chamar para a cabeceira do seu leito, - e foi por a haver lido que tudo deixei. - E foram estas paginas ternas, eloquentes, foi o seu amor por outro que me ensinou a amá-la. ! - Quantas vezes, - ha de lembrar-se, por que m'o censurava entao, - quantas vezes, espalhando-as ao acaso, fiznei horas esquecidas sob o encanto desta voz e desta palavra, indifferente ás coisas exteriores, espirito presenteado, alma escrava, da vida desta mulher que eu não conhecia mas

aquem sentia palpitava o coração! — E' envergonhado de pregar quem tão pouco viveu! Eis a razão porque a salvei! (affasta-se á direita)

Branca.

Como se acham estas cartas em seu poder? — Como? — (Elle levanta-se)

Fernando

Ambos somos victimas de uma fatalidade implacavel! Talvez que seja sincera? — Branca, perdou-me, mas quanto a exprecer, não m'o peço; eu não cumpria a m.^a promessa! — Lamente-me, Branca, é um padecimento horrivel este meu! Ao pé de si, é a elle que vejo! Se falta, é a elle que vivo! Já não é minha, — é d'elle! — Perde-me, Branca, e lamente-me... Adeus! (olha alguns papros subindo)

Branca (quella atravessando-se á porta do fundo)

Adeus! — Onde vai? — Oh! não tem direito de apor-me abandonado! — Fernando! Fernando! leve-me consigo!

Fernando (tentando desembarcar-se)

Branca!

Branca.

Sou sua mulher, — o meu lugar é ao pé de si! — Onde vai?

Fernando (o mesmo)

Supplico-me...

Branca.

Onde vai?

Fernando.

Deixe-me!

Branca

Onde vai?

Fernando (depois de pausa, com voz suffocada)

Adeus!

Branca (esconde-me nos braços)

Ah! leva-me contigo!

Fernando.

Branca! (com abatimento) O m.^a felicidade! minha pobre felicidade!

Branca.

Dize, morrer? — Eu respondo: Viver! Não seremos nós felizes, tão verdadeiramente, tão completamente um do outro? — O passado, é sombrio: — eis o sol, Fernando, eis o futuro! — Como atormentam a sua doente! — Eil-a agora prostrada! — Ah! Fernando! Fernando! já não tenho forças! (cão de falceida no canapi)

Fernando (aproximando-se vivamente)

Ah!

Branca.

Acho-te! (cão imóvel e com os olhos cerrados)

Fernando (depois de pausa)

Ella, o meu único amigo, — ella, a minha única companheira, — perdi-os a ambos para sempre! — Sonhos, esperanças, futuro — n'um dia tudo se sumiu, n'um instante! (Vê-se pela janella uma parte do parque; o sol brilha completamente) Como eu era feliz! Contento, nesta mesma hora! — Contento! — E a natureza continuou a sua obra, grave e serena! — Que me importa a ella, festa e risos, os lucros da m.^a vida? — Ella canta! — Que me importa a ella, impalpável na sua eternidade, o ser miseravel que morre? — Ella canta! — Eu, — eu, choro! (cão n'uma cadeira á direita)

Branca.

Fernando! — Ah!

Fernando (misto a ella)

Branca! minha mother! (detendo-se) Minha mother! — Não — eu te vingarei, minha mother! (vê pelo fundo)

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto Quinto.

Uma sala rica; fogão ao fundo, canapé a' esquerda do fogão; meza de jogo, a' direita; piasmas a' esquerda, primeiro plano; portas lateraes, segundo plano, a' esquerda, e primeiro e segundo plano a' direita; janellas ao fundo, a' esquerda e a' direita do fogão.

Scena I

Branca, Gabriella, Fernando, Alberto, e Ponche.

(Ao levantar do panno, Fernando está de pé em frente do fogão. — O Ponche e Alberto acabam uma partida de cartas. — Branca e Gabriella entram pela porta a' esquerda)

Gabriella.

Oh! — Focásem aqui fechados, com um sol destes!

Alberto.

E com tão bom lume!

Gabriella (indo a' meza do jogo)

Branca e eu, demos um grande passeio no parque. (a Fernando)
E' remedio soberano para a melancolia! (Fernando desce)

Branca (reprehensiva)

Gabriella!

Gabriella (a Fernando)

Oh! eu sei o motivo da sua preoccupação. (indicando Branca) Diferençam-me. Pega-me esta inactividade. Nunca tanta descaçada tanto! Mas que se ha de fazer? O estofador faltou a' sua palavra. E' necessario esperar no campo que todas as maravilhas parisienses se realizem.

Alberto.

Gabriella tem razão, meu caro Fernando, o Homem é feliz, mas não o é medico a quem se affasta dos seus doentes; — tu tens a nostalgia da receita.

Fernando.

Tambem tu! — Mas realmente estou mudado a este ponto?

64
Conde (levantando-se)
Deixe-os fallar, Fernando, Gabriella fazia hontera mesma censure
a Branca.

Branca.

A mim?

Conde.

Na idade de Gabriella si se comprehende a alegria miudota; e é
p' isso que vêem tristezas aonde as não ha....

Fernando.

Mois de que, uma sombra de impaciencia, e' verdade. Escrevi a
um amigo meu uma carta apaz importante, e espero qualque
dia a resposta. (O Conde side) Elle ha de responder, — e' mister
que responda!

Gabriella.

O caso foi que andamos minucioso! A' volta, entramos no antigo
gabinete de trabalho de sua doutor Le Moil! (a Fernando) Lembra-
se? — Se eu deise enviados a Branca, ainda lá' estavamos; e para
ella sair, custou-me. (arranja as cartas, e Alberto vai ao Conde)

Branca.

Sente-me ali, ~~exato~~ onde me havia sentado, no tempo em
que si me permittham alguns papeiz no jardim, para espen-
mentar as m.^{as} Joveas. — Aquelles dias depreza passados, via-os re-
viver. Aquelle sitio onde nos encontravamos ~~todas as~~ ^{as manhaes,} ~~allá~~,
Fernando, eram as m.^{as} recordações que me prendiam.

Fernando.

Nada lhe apaga a imagem do passado!

Branca.

Ah! Fernando! — (Fernando dirige-se para a direita) Sáe?

Fernando.

Um negocio que preciso concluir. Não lhe trinta dito?

Branca.

Dize, e' verdade. Desculpe-me, meu amigo. (Fernando sae
pela direita).

Conde (a Gabriella que arranja as cartas)

Alh. 'Gabriella, tu vais-te casando para dona de casa ?

Alberto.

Em casa della, meu padrinho, e' o marido quem a ha de servir

Condi.

Como e' que o sabes ?

Alberto.

Dize-m' e quem espera ser o tal marido. — Minha querida Branca, tenho a bondade de me curar. Minia, baixe os olhos. Senhor de Val-nenil, tenho a honra de lhe pedir a mão de m. prima Gabriella de Blegues.

Condi.

Gabriella ! — Tu tembras-te das m.^{as} observações ?

Alberto.

Repertam-te ! Não m' o aconsellias ; porém ha m.^{to} tempo róiço pela felicidade sem a ver ; hoje que a vi, faço alto.

Condi.

Tem menos quinze annos do que tu.

Alberto.

Menos dezesis padrinho.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Viste-a nascer !

Alberto.

Como o estão vendo.

Condi.

Professam muita amizade um pelo outro para jamais sentirem amor.

Alberto.

Faremos um casamento de amizade.

Condi.

Não t' o aconselho.

Alberto.

Dirigido, meu padrinho ! (indicando Gabriella) Eis a mulher com quem hei de casar ! — E a m.^{te} querida Branca, que diz' ?

Branca.

En, Alberto? - eu... digo... (passa ao centro)
Alberto.

Não m'ê aconselha? (indicando Gabriella) Eis a mulher com
que hei de casar!

Branca.

Pariste, Gabriella; - que respondes tu?

Alberto.

Não lhe diga nada! (Branca vai ao fogão)

Conde.

Ella é livre... até de se não casar.

Alberto.

Oh! ipso, não! A única liberdade que eu lhe concedo, é de me re-
cusar por mandado.

Conde.

Não lhe digas nada!

Alberto.

Quanto a escapar ao casamento, - escapam porventura os homens
ao recrutamento? - Pois bem, o ^{matrimónio} ~~casamento~~ é o recrutamento das
mulheres, das mulheres de sociedade! (a si-mesmo) As outras
dam-se substitutos.

Conde.

Não diges nada, Gabriella?

Branca.

E' a surpresa! Estava tão longe de esperar...

Gabriella (vindo a Branca)

Muito longe! quer dizer - Alberto, se eu casar contigo, vivi-
remos em Paris?

Alberto.

Todo o anno.

Gabriella

E moraremos perto de Branca? (pega-lhe nas mãos)

Alberto.

Na mesma rua.

Gabriella.

49
E poderemos vê-los todos os dias?

Alberto.

A todas as horas.

Gabriella (beijando Branca)

Ah! - o seu pedido, Sr. de Poljeino, merece ser tomado em consi-
deração.

Ponde.

Acertas?

Gabriella.

No dia em que Alberto tiver escolhido um emprego, segundo as suas
inclinações, um emprego que regule a sua vida, - nesse dia, aceita-
rei.

Branca.

Muito bem, Gabriella.

Ponde (aproximando-se de Alberto)

E o emprego?

Alberto.

Eu não sei para nada, - isto, ás vezes é um título. Por fim
chei de alcançar-o.

Escola Superior de Teatro e Cinema
Cena II

Os mesmos, Baptista.

Baptista (virando-se para a direita)

O Journal des Demoiselles!

Gabriella.

Dê-m'o!

Baptista.

A sua correspondência, senhor Ponde, - e o jornal politico. (dá-lhe a
direita)

Alberto. (pegando no jornal)

Dá licença, meu padrinho?

Ponde.

Pede antes licença a Branca, - é ella quem ordena a tudo. (Bran-
ca e Gabriella estão ao pé da mesa de trabalho, Gabriella ao pé, Branca sentada)

Gabriella (que abriu o jornal)

Oh! nós agora não podemos distrahir-nos. Não é' abrir, Branca?

Branca (com abatimento)

E' filha, é'.

Alberto.

Então, rapaz a tira. (abre o jornal e instala-se ao pé do pratinho;
o jornal lê as cartas, sentado ou sentado)

Gabriella (a Branca, mostrando-lhe o jornal
aberto diante della)

Que lindo vestido! — Repara?

Branca.

Indiferença!

Alberto (percorrendo o jornal. — Consigo)

"Boletim do dia,..." — Adiante! — "A questão americana..."

— Adiante! — "O peixe chocolate, é o chocolate..." — Adiante!

(alto) S'fa, que é muito instructivo este jornal!

Loude (dobrando as cartas e pagando no
jornal)

Esse não é' uma razão para que Branca m'ê não leia. (a Branca)

Branca!

Branca...

Nem pai?

Loude (indicando o jornal)

Queres lê-lo?

Branca.

O jornal? — Não m'ê. (levanta-se e vai ao pé do Loude; ella abre
o jornal. — Loude) — "Os despachos de Nova-York trazem-nos
alguns extractos da ultima mensagem...."

Gabriella.

Oh! lê antes as noticias diversas!

Branca (lendo m'outra pagina)

"Nesta mesma folha deinos todos os pormenores relativos á morte..."
(ella detem-se, mas sem tirar os olhos do jornal)

Loude.

Então ?

Branca (le mental^{te}, depois o jornal cai - lhe das mãos)

Ah! (caí desmaiada)

Conde e Gabriella (convenha a ella)

Branca !

Alberto.

Desmaiada !

Conde.

Ah a janella ! (Alberto vai abrir a janella da direita)

Gabriella

Branca ! Ah ! - o meu paes !

Alberto.

Eu vou em procura de Fernando. (vae)

Conde.

Depressa ! depressa ! - Ella torna a si ! - Meninha filha !

Branca (abrindo os olhos)

Ah !

Gabriella.

Vai passando ?

Gabriella ! (Gabriella vae) ~~Ah !~~ ^{Minha noiva !} Foi como uma vertigem que tive. - Quis continuar a lê, já não via, o jornal fugio - me das mãos ... - Onde está elle ?

Gabriella

Eil-o.

Conde.

Foi causado de pappeio. Andar um minuto.

Branca.

Deixe-me, meu pai - Bem vê, que tudo papou - Santo-me boa.

Conde (vendo Fernando que entra pela direita com Alberto)

Ah ! Fernando !

Branca.

Fernando !

Fernando.

Branca!

Branca.

Gente di repente una fragora implorai; o ar reanimou-me

Candy.

È agora ordena - the algum descanso, mas é aqui, doente?

Gabrielle

Não é nada, — tem a certeza?

Fernando (depuis de a l'avez examinado)

Nada.

Branca. (as pai, que vem beijá-la)

Que lhe tinha eu dito, meu pai! (Saem, e Linda e Alberto pela direita.)

e Gabriella pela esquerda)

Сцена III

Brenoa, Fernando.

Fernando.

Branca. 'a senhora padeca?

Branka.

Já não pratico - Era necessário este grado doloroso para o apressinar
de mim, - Ah! Fernando, ha uma semana, - uma semana!

é esta a primeira vez que juntos nos achamos sozinhos. Quasi
que nem para mim olhava. - Não me queixo; - sómente não digo.

Saboy que um dia, vendo-me submisso ás suas vontades, tenha
di' de mim. Espero. — Oh! nós não havemos de viver sempre,
não é assim, Fernando, não é assim? — Morrer é o menos,
que importa morrer! Porém é que eu enlaqueceria, sabe!

Fernando.

Branca.

Bromea.

O que pensa longe de mim, parece-me que th'v' sico como os ~~os~~ ~~indivíduos~~ m'v' dispepe ao ouvido; os seus labios mudos fallam me na sua immobildade. Tizo os papros que da', as esperanças anciosas que o domamam. A cada carta que recebe, — julga receber uma

57
conta delle; os papos que julga reconhecer, - são os papos delle !

Fernando

Espero, sim, - ^{chamo} ~~apeto~~ sim, não sei com que dolorosa esperança a hora
em que ha de cessar a m. miséria. Seja qual for o destino que a
ambos nos espera, ainda que eu tenha de perder sem retribuição - a senhora
que estremeceida ou odiada, era toda a m. vida, - preciso encontrar-me
face a face com elle ! - Uma mulher aquem se interroja agora; - um
homem responde ! (levanta-se)

Branca.

Leia ! (indica - lhe o jornal)

Fernando.

Branca !

Branca.

Leia !

Fernando

Branca !

Branca.

Esse homem morrem ! - leia pois !

Gabriella (entrando pela esquerda)

Fernando, está na sala numa visita ^{que os procura.} ~~para a senhora~~ - Uma senhora
ainda nunca toda vestida de preto - Pobre senhora, chorava tanto !

Fernando.

Reo - lhe, Branca, que a receba.

Gabriella

Mas foi por Fernando que ella perguntou !

Fernando

Por mim ? - E disse o nome ?

Gabriella

A senhora servir.

Fernando.

A senhora servir ! - Deixe-nos sózinhos, Branca.

Branca.

Mas

Fernando.

Deixe-nos, ~~meo~~ ^{meu} ~~me~~.

Branca.

Acampa-me Gabriella! (saindo)

Fernando.

Era assim! - Vou finalmente saber!

Scena IV

Fernando, Senhora Serrin.

Senhora Serrin.

Ch! Senhor Letoil!

Fernando.

Digã, fãlle!

Sen. Serrin

Custa-me a crêr na desgraça que me fere, que nos fere, sen. Fernando. Era amigo de Jorge como se fôr a sua imagem! - Tinha Gualm. recebido algumas lreiras que elle me escrevera de Port-au-Prince. Percorrendo sem cessar terras e mais terras, atravessando cidades sem ali nunca se demorar, difficil. me chegavam as mais algumas das minhas cartas. Annunciava-me o seu regresso; vinha passar seis meses em minha companhia.

Fernando.

Voltava Gualm.

Sen. Serrin.

Hontem, - ainda hontem! - contava os dias, já já contar as horas; - e no proprio momento em que tudo se preparava a em minha casa para o receber, em que tudo melecava daquelle alegria que ^{a felicidade} ~~este~~ ^{de si} ~~dele~~ espalha em torno ^{de si} ~~dele~~ ^{de si} ~~dele~~ Jorge... Ch! dizem que um presentimento secreto vem sempre avisar-nos das desgraças que fulminam aquelles que amamos! Não o amava entao eu?

Fernando

Depois! - depois!

Sen. Serrin.

Mo en tramo morto! - está morto!

Fernando.

52
Como soube pouco, a noticieta, cênis?

Sim. Sermin.

Por um despacho de Londres que nos dirigio o tanqueiro de meu marido,
e que os jornaes transcreveram - Vejá, Sen. Selloel, veja.

Fernando (lendo o despacho que elle lhe entrega)

"Na noite de 13 para 14, o vapor americano & Charleston, vindo
de Port-au-Prince, naufragou á vista de Gadesa. Está-se entre
as victimas um engenheiro francez, e Sen. Jorge e Aubry..." He
por força erro nesta noticia, - uma informação falsa... Demain socor-
re-o... não se morre assim em frente d'uma cidade, á vista
de terra! É impossível! - é impossível!

Sim. Sermin.

Oh! ahim deve ser, Sen. Selloel. (levanta-se) Parto immediatamente
para Paris; paece-me que ali saberei alguma coisa; - tenho a
cabeça perdida! - Que hei de fazer, senhor Fernando? aconselhe-
me! - So' devo chorar quando nada me resta para fazer.

Fernando

Tenho no ministerio alguns protectores poderosos e dedicados. Não
perca um momento! - É mister que lhes falle e mais bre-
vemente possível! Superior de Teatro e Cinema

Sim. Sermin.

Amanhão sem falta.

Fernando.

Esta noite, hei de fallar-lhes esta noite.

Sim. Sermin.

O Sen. Selloel vai a Paris?

Fernando.

Vou hoje mesmo. - Parta, m. senhora! (incamilha-a para
o fundo, á esquerda) Trata-se de... - de sua innocencia. Torna-
ra' a ver-me esta noite.

Sim. Sermin.

Ah! senhor Selloel! como hei de agradecer-lhe?

Fernando.

Não... não me agradeça!

Sim. Simão

Esta noite! — prometter-me que o veria esta noite! (sae pelo fundo acompanhada de Fernando)

Fernando (sozinho)

Morto! — Se todavia for verdade! — Póeo a m. vingança! (toca uma campainha) — Nada mais! — (Baptista vem da direita) Baptista, prepara tudo para a m. partida! (sae pela esquerda)

Scena V

Baptista, só, depois Jorge.

Baptista.

A sua partida! (avanza a mesa) Julgava que o senhor e a senhora ficariam aqui uma semana. (Bomba de carruagem) Uma carruagem? — E' por certo alguma visita. (vendo pela janella da esquerda) Uma carruagem de posta! coberta de póeira e carregada de malas! (Dirige-se para a porta da direita. Jorge Aubry apparece)

Jorge.

O seu Fernando Jemol?

Baptista.

Tem a bondade de me dizer o seu nome?

~~Jorge~~ (dando-lhe um bilhete)

O senhor Jorge Aubry? — Não conheço!

Jorge.

Annuncie-me.

Baptista.

Sim, senhor. (sae)

Jorge.

Eis-me chegado finalm. — Pensei que não deixava até cá com a tal carruagem de posta p' essas maldictas aginhagas. (pega n'um jornal e senta-se ao pé do fogão) Ah!

Scena VI

Joze, Gabriella.

Gabriella (astatado)

O teu montete? — eu vou buscá-lo. (Ella entra pela esquadra; vendo do Joze) Ah!

Joze (levantando-se)

Minha senhora.

Gabriella.

Desculpe....

Joze.

Apostou-a, m. senhora?

Gabriella.

Se me apostou? — não, senhor. Fiqui alguma coisa surpreendida, confesso. — Como foi que o deixasam aqui sozinho?

Joze.

Espero o senhor Leucl.

Gabriella.

Elle sabe que está aqui?

Joze.

Devem ter-lhe entregado o meu bilhete.

Gabriella.

Não se gague se elle se demorar. Fernando está nesta occasião muito triste e doloroso am. preocupado.

Joze.

Fernando? (desce)

Gabriella.

Mesmo agora mesmo a noticia da morte de um dos seus compatriotas d'infancia, — do seu melhor amigo.

Joze.

Ah!

Gabriella.

Fernando quer ir esta noite a Pariz, e obter esclarecimentos que destruam a certeza que lhe deram. Que Queria tanto os amigos que lhe morrem!

Joze.

E elle quer-me... - (luzendo-se) - queria-me tambem do fundo d'alma!
- E por quem foi Fernando avisado?

Gabriella.

Por uma uma senhora, moça e bonita, que veio aqui pela primeira vez,
a senhora Seirin.

A senhora Seirin! Jorge.

Gabriella.

Entrou nesta casa debulhada em lagrimas. - Custava-me a sustentar-se
em pé. - Muito padecia!

Ah! padecia muito! Jorge.

Gabriella.

Mas, que tem? - Parece-a?

Jorge (escandendo o rosto nas mãos)

Pobre, ~~irman~~ - pobre irman!

Gabriella.

Que diz? - A senhora Seirin, é sua irman?

Jorge.

Dirigia-me a Estampes. Com que impaciencia! com que ansie-
dade! A carruagem para e eu vou para me apegar. Oh! am todos
foram mim quasi com medo, e, - perdoe-me, m. senhora, que eu
ria de uma coisa tao triste e que tao cruelmente impressionou
aquelles que me estranecem, - sei a noticia m. ^{to} imprevista do
meu naufragio. Consideravam-me defuncto! - Quiz vir a senhora
Seirin, e desengual-a! - Tinha partido a toda a pressa para
a Ferti, para casa do Sr. Lemoit, p. casa de Fernando, de quem
eu nao tinha recebido cartas e que julgava em Paris. Mas
depois de que me haviam dito, ja' nao tinha que admirar. - Ordenei
a carruagem que tornea a pater, e em menos de uma hora, entrava
nesta sala. Louca, m. senhora, que ja' me nao admira que Fernan-
do nao descesse immediatamente, ao saber que eu estava aqui. Embora
irman esta de certo ao pé d'elle, e Fernando quer preparal-a para
a grande impressao que vai agora receber, vendo-me. Esperarei, -

esperarei!

Gabriella

Sua mimam!

Jorge.

Não devia Fernando acompanhá-la? - Não era com ella que ia partir?

Gabriella.

Elle partia sozinho.

Jorge.

Sozinho! - Então já' qui não está a senhora Leirum?

Gabriella.

Demorou-se apenas um instante. Eu estava ali quando ella sa-
hiu, e ouvi que dava ordens para seguir a estrada de Paris.

Jorge.

Partiu!

Gabriella.

A camuagem para Fernando deve estar pronta. Não levá-lo até
ao caminho de ferro.

Jorge.

Até ao caminho de ferro! Duas horas perdidas! E m. mimam
chora e chama por mim!

Gabriella.

Que se ha de fazer? - Ah! (indicando a porta da direita) Entre
para ali.

Jorge.

Para ali?

Gabriella.

Vai fazer um telegramma annunciando a ^{ou regresso.} ~~saída~~ chegada. Manda-
lo ao telegrapho, e a Mrs. Desrin recebé-lo-ha chegando a Paris.
Tranquilizada por esta forma sua mimam a seu respeito, poderá
demorar-se e abraçar Fernando.

Jorge.

Obrigado! obrigado, m. senhora. (entra rapidamente á direita)

Gabriella

Eu mandá-lo avisar.

Scena VII

Gabriella, Branca.

Branca (entrando pelo esquerdo)

Então, o mantelêto?

Gabriella (voltando-se um tanto perturbada)

Ah! (sorrendo) Lá levar-t'o.

Branca

Com quem fallavas tu?

Gabriella

Eu! (riando) Ah! Branca!

Branca.

Que foi?

Gabriella.

Se tu roubas!

Branca.

O que? - Fernando partiu?

Gabriella

Lá não parte.

Branca.

Fernando! - E porque não parte elle?

Gabriella

Porque ... - (indicando a porta da esquerda) Ah! aquella porta?

Branca.

A que proposito?

Gabriella.

Ah! aquella porta.

Branca.

Outra vez!

Gabriella (detendo-se e deixando mãos -
por cima uma alegria concentrada)

O amigo que se julgava morto ...

Branca.

Julgava? - Fazes mal em vir, Gabriella! - Fernando tem desgracia
d'um. toda a razão para o crer.

Gabriella (incaminhando-a para a esquerda)

Então, como é possível que elle esteja ali, — e que escreva?

Branca.

Elle! — elle! (Vai para a porta. — Baptista apparece ao fundo. —
Ella detem-se.)

Scena VIII

As mesmas, Baptista (entrando pela esquerda)

Gabriella.

Oh! ahí vem Baptista! — Entregou ao Sr. Lehoit o bilhete
que lhe deram para elle?

Baptista.

Não, m.^{re} senhora. Peg o bilhete em cima da secretaria, — o senhor
tinha sahido.

Branca.

Sahido!

Baptista.

Quiz elle mesmo ir alugar a carruagem de porta. Pensei que já
tinha voltado, e

Branca.

Está bem. — Nos avisaremos o senhor. Não retirar-se.

Baptista.

Perem, m.^{re} senhora ...

Branca.

Já lhe disse que eu o avisaria. — Dize-nos! (Baptista sai)
Elle! elle!

Scena IX

Branca, Gabriella, depois Fernando

Gabriella.

Ainda o não podes crer? — Saiba elle mesmo da sua morte
ao chegar ao Estampes. Não é esquisito? Logo Fernando vai

Querir contente !

Branca.

Fernando ! - Não me falles em semelhante regresso.

Gabriella.

O que ?

Branca

Reverte eu.

Gabriella

Oh ! comprehendo ; queres fazer-me uma surpresa ?

Branca.

Sim, sim, - e isto mesmo !

Gabriella

É na occasião em que elle estiver para partir... - Não mostres alegria - Toma sentido. Uma que adivinhava tudo.

Branca.

Teus razões. - Disfarçarei ! (Fernando entra p.^a direita)

Gabriella

Oh ! eis-o ! (como continuando uma conversação) Sim, m. que =
rida Branca, é esta noite que o general deve conceder a m.^a mãe
a Alberto, se... (vai a Branca.) Bem ? - Como eu sei disfar =
çar !

Fernando.

Branca, venho des pedir-me da senhora.

Branca.

Fernando !

Fernando.

Vou buscar a Paris a confirmação da notícia que leu - Que
carroagem foi aquella que chegou ainda agora ?

Branca.

Uma carroagem !

Gabriella (vai a Branca)

Foi a carroagem que o trouxe. (atto) Uma visita para o general,
seminhos aqui de sitio. Vou fazer-lhes companhia - Sacrifi =
co-me ! Faze as suas despedidas, Fernando. (vai p.^a esquerda)

Scena X

Branca, Fernando.

Branca.

Agradeço-me, Fernando, de não haver partido sem me apertar a mão.

Fernando.

Agradeço-me! — Julgo então que eu ^{sempre} me apartaria da ~~Branca~~ sem uma palavra de adeus?

Branca.

Fernando, — não tem um instante a perder!

Fernando.

Chama-me embora?

Branca.

Eu! — Temo ~~que~~ demorá-lo.

Fernando.

Principiavam a aporrelhar quando eu vim para aqui. Logo demorar-me alguns momentos ao pé de ti — se me dá licença.

Branca.

Oh! não me falle assim — affectuosamente, como outrora. Logo seria muito desgraçada.

Fernando.

Branca! (pausa) Eu não quero que o seja.

Branca.

Eu não me queiro, meu amigo, e.... — Os criados não acatarão de apromptar a camuagem; — é mister dizer-Mhes!

Fernando.

Eu não. — Escute-me, Branca. Desde o dia em que pela vez primeira a vi que a amo, e desde que é m. mulher, sinto dia a dia augmentar o meu amor com os tormentos que elle tem padecido. Comprehende isto? — Duridar repentinamente da única mulher que se amou, da única mulher a quem se tinha querido confiar honra e vida! — Odear com a violência de uma virgã, a tardia aquelle que se conhecia criança, quando tambem se era ainda criança, junto de qual se creceu, esperou e luctou.

odiat-o até' lhe exigir a morte e chorar, - e'ha morte virida de outra
mão que não era a ^{mãe} ~~Mãe~~, - chorar, não de dor, - mas de raiva
e despeito!

Branca.

Chamásam-m'os, Fernando, tenho a certeza que o chamam.

Fernando.

Por m.^a vez, Branca, peço-lhe perdão das m.^{as} proferências e injus-
tias; sim, fui injusto com a senhora! - Perdoe-me! - Deus
apure o juiz, - elle morren. - Devo esquecer, ha de ser feliz, Branca.

Branca.

Jamais fui tanto como nesta hora! - Fernando! - ah! parta, par-
ta!

Fernando.

Parta, Branca! - Está commovida?

Branca.

Admirava-se? Julga-me, finalm.^{te} innocente, já não duvida
de mim, ama-me, - e admira-se! - Ah! cada seja, Fernan-
do, p' esta alegria que me deu! Sou feliz! - Ah! parta,
parta!

Fernando.

Branca!

Branca.

E'ha noticia pôde amanhã ser desmentida, - e se elle virse...
Fernando, foi amigo d'elle n'outro tempo, - por que havia de
pensar ainda em sujar-se, agora que o seu coração lhe
doz que eu não sou culpada?

Fernando.

Se elle virse! (affastando-se para a esquerda) Branca
não me diga isso - se elle virse!

Branca.

Parta, Fernando, parta!

Fernando (depois de haver caminhado
para o fundo, detendo-se)

Enganou-se pensando que eu quera apartar-me a mãe, -

57
(vivam^{te}) era beijal-a que eu queria, Branca!

Branca (com alvoroço)

Oh! Fernando!

Fernando (depois de se haver desembaraçado)

Adens! Adens! (dirige-se à porta do seu quarto, para onde
entra Jorge Aubray)

Branca.

Onde vai?

Fernando.

Buscar a mala ao meu quarto.

Branca.

Até seu quarto!

Fernando

Nogue motivos se admira?

Branca.

Eu, não — mas me admira. (Fernando dá um papo para a porta.
Detendo-o) Fernando!

Fernando.

Porque, Branca, que eu rogatarei no caminho o tempo perdido.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Para que ha de tu esse incommodo?

Fernando.

Não é incommodo. (adianta-se)

Branca.

Eu chamo alguém.

Fernando.

Para que?

Branca.

Faley Baptista a levar-se!

Fernando

Dize-me certificar

Branca, (detendo-o)

Alguem th'a levará.

Fernando.

31
Se e' demasiado.

Branca.

Fernando!

Fernando.

Que tem?

Branca.

Eu! - Digo-lhe... que ^{aquelle} ~~ja~~ esta na carruagem... e' inutil... Se ~~eu~~ julga que esta no seu quarto... eu nao quero impedi-lo.

Fernando.

Solte-me apenas o caminho?

Branca.

Eu!

Fernando.

E repore que continua! - Vjamos Branca, que tem? - Eu ja' nada comprehendo! - (olhando fixam^{te} para ella) Eha perturbacao, tal resistencia em mandas-me embora, e a sua angustia quando eu me incaminto para aquella porta? (pausa, depois m'um grande Uado) Ah!

Branca.

Fernando!

Fernando. (com friega, indicando a porta)

Elle esta ali!

Branca.

Ah! - Por certo que nao falla seriamente. - Ah?

Fernando (avancando)

Esta ali!

Branca.

Enlouquece-me com tal suspeita! - Elle, - ali? Ah! nao o crei, por certo!

Fernando.

Nao creio. - Norem a m^h. malla esta naquella quarto e preciso della; permitta-me que a va' buscar. (avanca)

Branca.

E' crueldade; - pois duvida ainda.

Fernando.

Já não duvido! — Porém a m. malla está naquell'quanto e enpre-
cis' della; permitta-me que a vá buscar.

Branca.

Fernando! — Oh! por piedade, Fernando, por piedade!

Fernando.

Basta! — Elle está ali! — Deixe-nos sós.

Branca.

Fernando!

Fernando.

Deixe-nos! — É' no momento que eu me acercava da senhora,
cheio de affecto e confiança; é' no momento que eu buscava es-
quecer que me havia enganado, que outra vez me enganava! — Hon-
tem, mentira! — Hoje, mentira! — O seu lugar não é aqui! — Dei-
xe-nos!

Branca.

Expulsa-me!

Fernando.

Não me expulsava a senhora ainda agora para ficar só com
elle? — Deixe-nos!

Branca.

Juro-lhe que o não vi! — juro-lhe...

Fernando.

Deixe-nos!

Branca.

Não saturei d'agui!

Fernando.

Vou... Seja aqui! — Diga-lhe então que pôde entrar. (senta-se
no cunapé)

Branca.

Fernando.

Fernando.

Estou a' espera!

Branca.

Fernando!

Fernando.

Bem vê que estou d'espera! (Branca ajoelha) Não a hora das
lágrimas e das supplicas. Ah! — estranha! — E' por elle, ou...

Branca (esquendo-se)

Ou pelo senhor? — E pergunta-o!

Fernando (esquendo-se)

Dize-nos!

Branca.

Dize-me que não sairei d'aqui.

Fernando.

Ah! não quer então que nos vejamos em presença um do outro?

Branca (recuando)

Não sairei d'aqui!

Fernando.

Não quer que eu o interroge?

Branca (recuando)

Não sairei d'aqui!

Fernando.

Não quer finalmente que eu saiba a verdade?

Branca.

Não sairei d'aqui — Não quero que elle pronuncie o meu
nome diante do senhor, e o meu coração revolta-se á idea de
ser por elle justificada! — Um olhar, uma palavra, — e o insulto
insimula-se com honras da sua especie — com espadachins! Para
elles a honra de uma mulher não é nada — e nada a vida de
um homem! — Não quero que elle te mate! (Precipita-se-me
nos braços)

Fernando.

E não quer que elle a torne livre?

Branca.

Ah!

Fernando.

Um anno de luto, — e resta-me o futuro.

Branca (in 'um grande ^{e doloroso} choro)

Ah! (sequendo-se, atterida) Elle está ali! — e o senhor não se saltar em pedacos aquella porta para ir ao seu encontro! — Ah! Fernando, não sentido em não gastar o seu valor, insultando-me, — tome seu tudo! (subindo a Fernando) E se logo lhe fathasse!
Fernando.

Branca!

Branca

Seja qual for o resultado deste encontro, acerto-o com anteceden-
cia — E se Deus permittir que succumba — não meei eu quem dei-
ta lucto por Fernando, — meu pai o deitara' portanobz. (Vae para
mim, e veja que já não tramo! — Este encontro que eu pueria
evitar, eja justificação, eja a gaza, tambem preciso della! — Uma
mulher chora, — um homem responde! — (vindo abrir a porta da
duetta) Elle que responda! (vae pela esquerda)

Scena XI

Fernando, Jorge, depois Branca.

Fernando (precipitando-se para a porta,
e depois detendo-se repentinamente)

Paravamos! ^{prudencia,} ~~deixo~~ ^{prudencia,} ~~haja~~ ^{preciso}! — Preciso desta vez saber tudo!
(Jorge apparece) Elle!

Jorge.

Ah! Fernando, meu caro Fernando! — Entao? (estendendo-lhe
os braços) E' este o acolhimento que me fazes?

Fernando

Jorge! — Deixa-me tornar a mim primeiro!

Jorge.

Tambem elle! — Vg'o que tenho de me resignar a produzir em
vós a mesma impressão de surpresa — e de espanto; eis-me
tornado alma de outro mundo.

Fernando.

Francamente — se eu esperava por alguém, — não era
por ti!

Lyge.

Oh! eu não me formalizo! Uma vez que os jornaes se dêem ao trabalho de me enterrar, faça mal em me apresentar aqui de repente, ~~mas~~ com mais vida e saúde do que nunca tive - ebas que queres? Éa tal o meu desejo de os abraçar mais uma vez? É' necessário perdoar-me.

Fernando.

Ebas porque te mandaram ir para o meu quarto? Aqui, tínhamos nos visto logo á tua chegada?

Lyge.

Devo isto a uma preciosa e bonita criança, que encontrando-me nesta sala onde te esperava, desfeita deste fogão - principiei por apustal-a, já n'vi, - me disse que a Sr.^a Serrin partira adiante de ti para Paris muito apustada p.^a noticia que recebia. - Para a tranquilisar depressa, só me restava um meio - era um telegrama - e entrei no teu quarto para o escrever.

Fernando.

Ah! e escreveste?

Lyge.

Não. - Fui eu mesmo ao escriptorio do telegrapho. - Ah!, pre-mulci algumas luchas, e em quanto te aposto a mãos, meu cara estendendo, m.^a mirian espera-me em Paris, já chegada e feliz - sinto-me agora melhor.

Fernando.

Porém diga-me o motivo porque tua mirian estava igualm.^{te} em erro? E o motivo porque estás aqui?

Lyge (vai sentar-se ao pé do fogão)

O que? - O que? - Em principio lugar deixa-me sentar um instante. Há tres dias, é a primeira paragem que faço, e d'agui a vinte minutos, mais. Hora, torno a pôr-me a caminho.

Fernando (sentado no canapé)

Meia hora!

Lyge.

Oh! descança - que hei de ter tempo para responder a todas as tuas perguntas.

Fernando.

Fui porém, verdadeiramente naufragar o navio que te recomendava para a Europa.

George.
chamado

Um vapor americano Charleston - não me admira que isto lhe aconteça - Lá na America não é caso raro, nem se estranha - Mas, olha bem para mim. (levanta-se e vai a Fernando) Há muito tempo que te não vejo. - Que tens tu? - Estás pallido! - Aposto que sou causa de pa pallidez.

Fernando.

Tu!

George.

Não se torna a vir, sem alguma commoção, um amigo que se julgava perdido para sempre. - Ah! meu querido Fernando, falhou por um triz! (senta-se) Tinha embarcado n'um navio inglez mercante, que se fazia de vela para S. Domingos, e na noite da m.^a chegada, tomava passagem no Charleston, de viagem p.^a Liverpool. Pensava já estar na Europa, ao pé dos amigos - mas não sei porquê se manifestou, obrigando-nos a arribar aos estócos - Eram vinte e quatro horas de demora. - Valzy mais! - Um vapor francez que ali estava, ia de antão para panteo; - não hesitei um momento! - transportei as m.^{as} bagagens para bordo do tal vapor - e no fim de tres semanas desembarquei em Bordéus - ao tempo que o Charleston, naufragava nas costas da Galloja. - (tira um charuto da algibeira e accende-o)

Fernando

E nunca recebeste carta alguma minha?

George.

Nunca! - Não conheço fidei-jurante igual a um pedaco de papel dobrado em quatro partes e enviado de um dos grandes centros do mundo, de Paris ou de Londres, a duas ou tres mil leguas d'ali; pagam-se mezas interiores sem nada recebermos, e

uma bella manha, sem mais nem menos, setenta ou trinta cartas
que nos chegam de repente ás mãos, como um fardo, e todas ellas
cheias de estampilhas, e com a ~~insignificancia~~ e trazendo na frente
a palavra - Urgentes. - Bonta palavra que dá um resultado do
receberem-se as cartas mais tarde ou nunca, como as tuas que me
esperam, de certo, no Panamá, postas em ordem em cima da minha mesa.
Tendo-se p' uma destas inexplicaveis extravagancias do correio,
escolhido o dia da m.^a partida para m'as entregar.

Fernando (levantando-se)

Porém tu? - Quem te impedia de escrever?

George.

A mim! - e todas as manhas me lembrava p' o; e todas as
noites guardava para o dia seguinte, - e apunhava additando sempre.
Escrevia - aporrimos. Por certo que não é m.^{to} pratico, mas conso-
la-me a lembrança de que p'ode ser util. E deo amir os
meus amigos antigos que diziam, nas vespuras da m.^a partida: "Ex-
plicam o procedimento de Jorge! desterra-se para trabalhar, aos
trinta e cinco annos!" E elles tinham razão, p' que o devia
ter feito quinze annos antes! - Digge-me gera, Fernando, tens
ainda algumas perguntas a fazer-me?

Fernando.

E tu não me fazes nenhuma?

George.

Ha porventura, acontecimentos na vida de um homem de sciên-
cia e de estudo?

Fernando.

Jaiz!

George.

Como tu diges isto!

Fernando.

Acontecimentos! - Ignoras entao que eu casei?

George.

Descorreei, vende-te aqui nesta casa; a não ser isto, quem
m'o havia de dizer? - Casaste e és feliz; a felicidade não

se descreve. Bem vêis que não tenho perguntas a fazer-te.

Fernando.

Has de fazer uma, ao menos? Um coração devotado como o teu empenho em saber o nome de m.^a mulher.

George.

Prefero conhecê-la pessoalmente, a ser-me apresentado por ti. - Consentes?

(levanta-se)

Fernando.

Espera.

George.

O que?

Fernando.

Que eu t'a nomeie.

George. Instituto Técnico de Lisboa

Ouvra vez!... Se o desejás...

Fernando (olhando fixamente para elle)

Branca de Valneuil!

George.

Branca de... Ah!

Fernando. Escola Superior de Teatro e Cinema

Apagam-se-te o charvito, - queres ouvir? (George deita fora o charvito)

George.

Obrigado. (aparte) Branca de Valneuil!

Baptista (entrando p.^{to} fundo, a Fernando)

A carruagem do senhor está pronta.

Fernando.

A carruagem! - Está bem; - já vou. (Baptista sai) Porque estremeceste?

George.

Eu!

Fernando.

Porque estremeceste ao ouvir o nome de Branca de Valneuil?

George.

Fernando!

Fernando.

Porque?

George.

Olha que te enganaste.

Fernando.

Parece-te isso? - Já não tenho mais perguntas a fazer-te George; mas tenho contas a dar-te.

George.

Tu?

Fernando.

Que pouca memoria a tua? - Pois não me confiaste cartas, quando partiste?

George.

Então?

Fernando (indicando a secretaria)

Então, - estás ali!

George.

Pois não as entregaste?

Fernando.

No dia em que devia fazê-lo, - a Sr.^a Laroche.

George.

Acaba...

Fernando.

Morrera!

George.

Ah!

Fernando.

Não recebendo de ti resposta alguma, - e lembrando-me que aquellas cartas não interessavam directam^{te} a Senhora Laroche, rasquei o papel que as continha - Abri uma dellez, e principiei a lê-la para ver se achava um indice, - e depois, li todas! todas!

George, porque estremeceste ao ouvir o nome de Branca de Valreuil?

George.

Fernando . !

Fernando

Oh! diga que é a vergonha que te sobe ao rosto, — que é a indigna-
ção que te ~~enche~~ domina a alma, ao lembra-^{te} do homem que abusa
do isolamento de uma rapariga, de uma criança, para obter della, algumas
cantas que escureia sem pensar, n'uma hora de piedade e ocio, —
e que as guardou como uma preza, ou peior ainda como arma. —
Esse homem é por força um covarde !

Lupe

Fernando . !

Fernando

Diga que é o despeço que te inspira semelhante accão, accão
viciosa e vil, que te faz estremecer ! — Adivinhas-te as dores, os
tormentos do homem de bem que casou com essa mulher, porque
a amava, porque a ama, — e que, interrogando esse passado por
o acaso lhe entrega: — será ella sincera ? — será culpada ? — vive
na duvida e entorpecce ! Elle desappareceu, — e elle fugiu ! Esse
homem é por força um covarde !

Lupe

Fernando, a mulher a que alludeas, foi sincera, — juro-te. Quan-
to ao homem de quem fallas ...

Fernando

Esse ! — Ah ! comprehendes-me finalmente ! Exister que eu
vingue Branca . ! (dá um passo para elle)

Lupe

Fernando . !

Fernando

Oh ! ha muito tempo que contendo ! — Não posso mais ! não
posso mais ! A esse, preciso matal-o ! (levanta a mão)

Lupe

Ah ! (agarrando-lhe a) desgraçado ! Ha de haver um anno, estava
em um club. A meia noite entrou na sala um rapaz, que eu
havia perto de um mez, via ali entrar, pallido, com olhos febril, cheio
de ousadiças e audacia. Segundo o costume, foi sentar-se a

uma me^{da} de jogo: jogou e perdeu, — e perdeu mais, perdeu sempre, —
e a cada perda nova enchia uma copo de cegnae que tinha posto desi;
depois quando tudo havia perdido e estava completam^{te} embriagado,
levantou-se e apresentando alguns papeis que tinha meos-atutos
nas mãos, exclamou: "Quem quer apostar contra este panhor? — Cartas,
respondeu alguém. — Cartas de uma donzella nobre e rica. —
Vem seguir estas apiznadas! observou. Me e parceiro. — Case a^{postar}
ta e eu declaro em alta voz o nome da mulher que as escreveu. Quem
casa a aposta? — (Branca apparece) Case eu! — " Fuiha-me levau-
tado e estendeu a mãos, — e quando elle abriu a bocca para pro-
nunciar o nome della, — não o pronunciou. (Fernando levanta-
se.) No dia seguinte o barão de Percy escolhiu a espada — ao terceiro
golpe — acaso podia eu morrer às mãos de tal miseravil — cabia
mortatam^{te} ferido a meus pés; — e ao inclinar-me eu para elle,
entregou-me um sobrescripto lacrado: "Encerra as cartas de
Branca de Valneuil, alina ha! entre quantas o são. Se alguma
vez na vida a encontrar, comprehenderá que eu devia morrer,
porqueousei insultal-a. Foram estas as ultimas palavras do
barão de Percy. — Fernando, já ninguém te resta a vingar.
mater-e eu.

Fernando

Barão de Percy? — Que continha entao o jornal que Branca
leu? (vai buscar o jornal e lê) — "Esta mesma folha, di-
mos todos os pormenores, relativos á trágica morte do barão de
Percy, morto em duello...." Ah! (deixa cair o jornal,
e cae prostrado na cadeira á direita) Jorge! Jorge! (vendo
Branca) Ah!

Branca.

Fernando.

Fernando.

Padece muito, — perdoá-me. (ajelhando aos pés delle) Estou
de joelhos a teus pés: — levanta-me.

Branca.

Fernando. 'sh.'

Fernando (apresentando Jorge a Branca)
 Jorge, meu melhor amigo.
 Branca.
 Em que obrigações lhe estou, defendeu-me sem me conhecer!
 Fernando.
 Era d'elles que eu duvidava!

Scena XIII

Os mesmos, o Conde, Gabriella, Alberto.

Gabriella (ao Conde)
 Entao enganai-vos?

Branca.
 Meu pai - o nosso amigo Jorge Aubry!

Senhor Aubry. (apertam as mãos. Alberto e Jorge cumprimentam-se)
 Alberto (de um lado da scena, a Gabriella)

Todos saes felizes - e ainda bem! - mas se eu tambem o fosse!
 Que te parece?

Gabriella.
 Achaste emprego?

Alberto.
 Se achei? - Ora epa! c'has que trabalho me deu!

Gabriella.
 Ah! tu queres?

Alberto.
 Fazer a tua felicidade!

Gabriella
 D'isto?

Alberto.
 E trabalharei dia e noite para o conseguir. - Acultas?

Gabriella.
 Assim e necessario! - tu es tao preguiçoso!
 Conde (a Jorge)
 Vai ja' desviar-nos!

Fernando.

Nesta occasião sem eu o vejo! — esperam-n'ó em Paris.

Branca.

Porem voltará, não é' apriu?

George

D'agui a quinze dias, — sim, m. subhora. Para o meu p'ro venho, termo a seguir viagem! — Farei algumas viagens a França, de tempos a tempos, para vêr a m. Guinilla, os meus filhos, os teus, Fernando! — E para o anno, — quem sabe? — talvez que faça, hunciar tua filha nos meus joelhos! — Não lhe digam, porem, que eu já' estive morto vinte e quatro horas! — Baria de apursta-la vñ-me! — Adeus! — adeus!

Fernando (a Branca, docemente)

A nossa filha!

Branca.

Jamais nos apartaremos della, Fernando!

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema